

Maria Alice Ramalhete Pinto Guimarães

# **O GINÁSIO CLUB FIGUEIRENSE**

## **Da Fundação a 1914**



Câmara Municipal da Figueira da Foz  
Divisão de Cultura, Museu, Biblioteca e Arquivos  
2007

Título: O Ginásio Clube Figueirense - Da Fundação a 1914

Autor: Maria Alice Ramalhete Pinto Guimarães

Edição: Câmara Municipal da Figueira da Foz, Divisão de Cultura, Museu, Biblioteca e Arquivos

Capa: João Ricardo Cruz

Arranjo gráfico: Ana Paula Cardoso / João Ricardo Cruz

Impressão: Impressora Económica, Lda, Figueira da Foz

Tiragem: 250 exemplares

Depósito legal:

## **PREFÁCIO**

Para o Ginásio Clube Figueirense, com lugar destacado entre as associações pioneiras do Desporto português, foi muito honroso ver os primeiros anos da sua História estudados num trabalho de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Passados seis anos, ao abrigo do Protocolo celebrado em 16.09.2005, o Pelouro da Cultura da Câmara Municipal promove a edição desse estudo, plenamente justificada dado o percurso do Clube ser indissociável da História contemporânea da Figueira da Foz.

Constitui também o reconhecimento do mérito dos ginasistas que souberam preservar e organizar, no Arquivo Histórico, um espólio documental sem paralelo no meio associativo local e mesmo nacional.

Por tudo isto a autora, Dra. Maria Alice Ramalhete Pinto Guimarães, e o orientador do trabalho, Prof. Doutor Rui Cascão, são credores da nossa maior gratidão.

Joaquim M. B. Sousa



**Fonte:** *Ilustração Portuguesa*, anno 3, 18 de Outubro de 1886, p.1.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, que ora se publica, remodelado, foi elaborado no âmbito do seminário *Sociedade e Vida Quotidiana*, do mestrado em História Económica e Social Contemporânea (1998-2000), orientado pelo Prof. Doutor Rui Cascão, e representa um estudo de pesquisa e análise sobre o *Ginásio Clube Figueirense*.

Esta escolha foi, em parte, influenciada pelo facto de, há uns anos a esta parte, termos fixado residência na Figueira da Foz, o que nos tem feito sentir uma natural sensibilidade e, particular interesse, por conhecer a *terra* e as *gentes*.

A identidade de uma comunidade, o seu rosto e a sua palavra são a expressão das suas características culturais e sociais que, em cada momento, se manifestam e são parte integrante de um processo evolutivo das sociedades.

As associações de carácter recreativo e cultural, pelo conjunto de sócios que as formam e pelos objectivos a que se propõem, constituem um tema privilegiado e fornecem valiosos indicadores para o conhecimento das comunidades e grupos sociais de que emergem.

O período estudado, 1895-1914, corresponde,  *grosso modo*, a uma vaga de associativismo generalizada a todo o país e que, na Figueira, em particular, teve uma forte expressão. Em nossa opinião, foi também neste período que decorreu a primeira fase da vida do *Ginásio*<sup>1</sup>. A fundação corresponde à primeira daquelas datas (1895) e a segunda (1914), à data em que a sua sede, o *Teatro Príncipe*, foi completamente destruído por um incêndio que colocou esta colectividade em precárias condições de actividade de que, só cerca de dois anos mais tarde, se recuperaria.

Não foi difícil a recolha de fontes para este estudo. O *Ginásio* dispõe de um vasto Arquivo Histórico que, muito gentilmente, foi colocado à nossa disposição.

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho designaremos, muitas vezes, o *Ginásio Clube Figueirense* simplesmente como *Ginásio*.

Dos manuscritos que fazem parte daquele arquivo, *A Bíblia*, que constitui um relato pormenorizado da vida do clube entre 1894 e 1926, de autor anónimo, constitui para nós uma fonte primária a que muitas vezes recorremos.

Além da bibliografia coeva, foram, também, várias as fontes impressas de que nos socorremos, desde a imprensa local às publicações internas do clube. Destas, queremos realçar o jornal comemorativo do cinquentenário do clube (*Gimnasio Club Figueirense*) e o boletim *Vai D'Arrinca*, publicação periódica (1963-1995) que constituiu um valioso complemento à fonte manuscrita inicialmente mencionada – *A Bíblia*.

Sistematizamos o nosso trabalho em três pontos:

- No primeiro ponto preocupamo-nos em caracterizar genericamente a Figueira da Foz, na segunda metade do século XIX, no que respeita à conjuntura económica, ao crescimento físico da cidade, aos aspectos associativos e ao desporto que, com aqueles, mantém uma relação difícil de separar.

- No segundo ponto “do *Club Gimnastico Velocipédico* ao *Ginásio Club Figueirense*” procuramos analisar o evoluir das condições que antecederam a fundação deste clube, a importância e proveniência social dos seus fundadores e os objectivos que se procuravam atingir com esta associação.

- No terceiro e último ponto dedicamo-nos às actividades desenvolvidas pelo clube (1895-1914), organização, estrutura e importância que estas tiveram aos níveis desportivo, pedagógico e cultural.

# 1. A FIGUEIRA DA FOZ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

## 1.1. Enquadramento

A segunda metade do século XIX constitui para a Figueira da Foz uma verdadeira época de progresso, não só material mas igualmente social e cultural. Considerada como uma das mais importantes estâncias balneares, a chamada *Praia da Claridade*, atraía a si, especialmente na época balnear (de Agosto a Outubro) as elites portuguesas (e também espanholas) que, nesta época, elegem a Figueira como a “praia da moda”. Em 1876, Ramalho Ortigão na sua obra *As Praias de Portugal. Guia do banhista e do Viajante*, apesar do tom de crítica que utiliza para caracterizar a sociedade da época, não deixa, contudo, de reconhecer que “nenhuma outra praia em Portugal possui as condições d’esta para tornar agradável a estação dos banhos”<sup>2</sup>. Igualmente, Rui Cascão considera que o período que medeia entre 1870 e 1890 constitui, por assim dizer, “a sua *Belle Époque*”<sup>3</sup>.

Com particular incidência, nos anos que decorrem de 1870 a 1890, assiste-se a um rápido crescimento material da Figueira, intimamente ligado a uma conjuntura económica favorável assente nas actividades mercantis<sup>4</sup>. Foi sobretudo o comércio de exportação (vinhos, sal, madeira, e laranjas) e importação (bacalhau, ferro e aço, entre outros) juntamente com a indústria artesanal (tanoaria, poleame e construção naval) que permitiu uma importante acumulação de capitais, favorecendo a promoção social dos grupos ligados a estas actividades.

<sup>2</sup> Ramalho Ortigão, *Praias de Portugal. Guia do banhista e do viajante*, Porto, Livraria Universal de Magalhães e Moniz – Editores, 1876, p.107.

<sup>3</sup> Rui Cascão, “A Figueira da Foz há cem anos”, *Sociedade Arqueológica da Figueira, 1898-1910. Centenário* (Catálogo), Figueira da Foz, Ed. Museu Municipal Dr. Santos Rocha, 1999, p. 53.

<sup>4</sup> Para um melhor conhecimento das actividades mercantis da Figueira, no período considerado, veja-se o trabalho de Rui Cascão “As vicissitudes do comércio marítimo de um porto secundário: o caso da Figueira da Foz (1850-1920)”, *Revista Portuguesa de História*, t. XVIII, 1980, p. 133-196.

<sup>5</sup> Veja-se o trabalho cit., *supra* nota 4, p.134.

Predominava, assim, nesta cidade, uma estrutura socioprofissional marcadamente ligada ao sector secundário e terciário onde uma burguesia comercial pontificava no topo da pirâmide social e onde “prolifera uma relativamente numerosa pequena burguesia”<sup>5</sup>.

Ligado aquela conjuntura de prosperidade está também o crescimento físico da Figueira. Com a construção do Bairro Novo pela Companhia Edificadora Figueirense, no final da década de 60, a então vila da Figueira cresce no sentido Oeste, dando assim resposta à crescente procura de casas pelos banhistas que, desde a década de 50, se fazia sentir<sup>6</sup>. Nos finais da década de 70, estende-se para Leste com a urbanização das zonas junto ao Mondego a montante da Praça Nova (Praça 8 de Maio).

Também a melhoria das comunicações contribuíram para o desenvolvimento da Figueira no período que temos vindo a tratar. Precocemente, em 1859, foi inaugurado o serviço telegráfico; por volta de 1871 passou a efectuar-se a ligação por estrada, com Coimbra, aberta através dos campos do Mondego, de modo que a duração da viagem de um local para o outro, de diligência, se efectuasse em cinco horas. Também, a linha de Caminhos-de-ferro, na década de oitenta, põe esta localidade em contacto directo com o resto do país, nomeadamente, com a ligação à Beira Alta, via Pampilhosa, a partir de 1882 e com a Linha do Oeste em 1889 que, através do ramal entre Amieira e Alfarelos, permitia a ligação à capital do país (via Linha do Norte). Segundo Rui Cascão nos finais do século “a estação ferroviária da Figueira tinha um intenso movimento, com nada menos de 12 a 14 comboios de passageiros e de mercadorias que a ela chegavam ou dela saíam diariamente”<sup>7</sup>.

Acompanhando todo aquele desenvolvimento material está, igualmente, bem patente um crescimento populacional cuja média anual, entre 1864 e 1911, é de 1,5%; no primeiro daqueles anos existiam 4.586 habitantes e no último 7.786<sup>8</sup>.

É neste contexto, proporcionado pela conjuntura favorável que, em 1882, a Figueira é elevada à categoria de cidade, pelo decreto de 20 de Setembro daquele ano.

<sup>6</sup> A Figueira da Foz foi elevada à categoria de Vila por decreto de 12 de Março de 1771 e possuía 2 350 habitantes (cf. José Pedro de Aboim Borges, *Figueira da Foz*, Lisboa, Ed. Presença, 1991, p. 72).

<sup>7</sup> Rui Cascão, “A Figueira da Foz há cem anos”, *Sociedade Arqueológica da Figueira, 1898-1910. Centenário* (Catálogo), Figueira da Foz, Ed. Museu Municipal Dr. Santos Rocha, 1999, p. 58.

<sup>8</sup> Cf. Rui Cascão, “A Figueira da Foz há cem anos”, *ob. cit.*, p.54.





Fotografia 1. Figueira da Foz em 1891. Ao fundo, à direita pode ver-se o Teatro Príncipe D. Carlos (que viria a ser a sede do Ginásio Clube Figueirense).  
**Fonte:** espólio fotográfico do Arquivo Histórico do GCF.

Contudo, o quadro que temos vindo a descrever, na década de 90, sofre uma nítida desaceleração do crescimento provocado pela crise financeira, comercial e social que afectará não só a Figueira como o resto do país; aliás, em termos comerciais, esta crise, ficará parcialmente resolvida em 1894, pelo menos, no que à Figueira diz respeito<sup>9</sup>.

Conquanto a década de 90 seja uma época de crise (económica e social) o mesmo não se poderá dizer da vida associativa figueirense. Curiosamente, nesta década, e já na anterior, assistiu-se à fundação de um número bastante elevado de associações e espaços de lazer, diversificando assim, as formas de sociabilidade usufruídas pelos habitantes da Figueira e, até mesmo, pelos visitantes que durante a época balnear acorrem a esta cidade. De facto, no período compreendido entre 1881 e 1910, Rui Cascão, contabilizou 98 associações (de carácter recreativo, cultural e outras) que neste período foram fundadas na Figueira e em Buarcos<sup>10</sup>. Este número, em nosso entender, traduz bem o apreço que os figueirenses tinham por esta forma de sociabilidade.

<sup>9</sup> Cf. Rui Cascão, *Figueira da Foz e Buarcos. 1861-1910. Permanência e mudança em duas comunidades do Litoral*, Coimbra – Figueira da Foz, Ed. Centro de Estudos do Mar e das Navegações – Câmara Municipal da Figueira da Foz – Livraria Minerva, 1998, p. 41.

<sup>10</sup> Veja-se a obra citada *supra*, p. 536, o quadro V.19 “Associações fundadas na Figueira e em Buarcos”.

De entre aquelas destacam-se as associações desportivas que, no dizer de Romeu Correia, transformam “esta cidadezinha meridional [...] em terceira potência desportiva do País”<sup>11</sup>

## 1.2 O associativismo desportivo

Em consonância com a época, o desporto torna-se uma das mais modernas formas de sociabilidade. Durante o século XVIII, este era praticado quase exclusivamente pela aristocracia como um “divertimento elegante”, consistia, sobretudo, na prática da esgrima, equitação e dança; tinha como objectivo “vincar um estatuto de destaque e supremacia social”<sup>12</sup>. Contudo, durante o século XIX, mais propriamente na segunda metade, aquele estatuto será radicalmente alterado.

Como nos diz Alain Corbin “a hora é de vivacidade dinâmica” o desporto e, sobretudo, a prática dos exercícios físicos, nos finais do século tornam-se um “dever nacional”<sup>13</sup>. Também em Portugal, como Irene Vaquinhas salienta: “Durante os últimos trinta anos deste século [XIX] e até à I Guerra Mundial será atribuída à actividade desportiva uma importante missão político-social que justifica, em parte, a atenção que os poderes públicos lhe prestam: a de regeneração moral e física da população portuguesa”<sup>14</sup>.

Assim, propalado pelas entidades oficiais do país, defendido por médicos e higienistas, o desporto, ou a prática de exercícios físicos se quisermos, passam a ser o método ideal para evitar a doença e, simultaneamente, contribuir para a formação de “homens saudáveis e de hábitos civilizados, com regras de vida higiénica e dispendo de moral fortalecida”<sup>15</sup> necessários à nova realidade política, económica e social do país. Contudo, não podemos esquecer que esta não é a única faceta benéfica da prática desportiva, além de proporcionarem prazer e, simultaneamente, romper com o trabalho quotidiano, permite ainda modelar o corpo que doravante se liberta e se mostra.

<sup>11</sup> Romeu Correia, *José Bento Pessoa. Biografia*, (Separata do boletim *O BNU no Desporto e na Cultura*, n.º 6) Lisboa, Ed. do Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino, 1974, nota de rodapé (1) p. 28.

<sup>12</sup> Irene Maria Vaquinhas, “O conceito de «decadência fisiológica da raça» e o desenvolvimento do desporto em Portugal (Finais do século XIX/Princípios do século XX)”, *Revista de História das Ideias*, vol. 14, 1992, p.383.

<sup>13</sup> Alain Corbin, “Os bastidores”, in *História da Vida Privada*, vol. 4, *Da revolução à Grande Guerra*, dir. de Philippe Ariès e Georges Duby, Porto, ed. Afrontamento, 1990, p.608-610.

<sup>14</sup> Irene Maria Vaquinhas, “O conceito de «decadência fisiológica da raça»...”, *ob. cit.*, p.367.

<sup>15</sup> Jorge Crespo, *A História do Corpo*, Lisboa, Difel, 1990, p.11.

Não admira, por isso, que numa cidade progressista e aberta às mais variadas influências, como era a Figueira, esse ideário tenha sido posto em prática, nomeadamente, através da formação de várias agremiações desportivas, que acompanhando a vaga de associativismo que entretanto se gera no país e, de forma vincada aqui, como já o demonstramos, fazem o seu aparecimento na década de oitenta do século passado.

Nos anos Sessenta, começou por surgir a *Associação Naval Figueirense*, cujos estatutos datam de 1866. Esta, não teve vida longa, viria a desaparecer logo na década de Setenta. Praticamente o mesmo se passou na década de oitenta com o *Club Moderno*, datando os seus estatutos de 1881. Logo no primeiro artigo destes estatutos se propõem como objectivos: “desenvolver e educar todas as aptidões físicas, moraes, artisticas e intellectuaes dos seus associados, por meio de institutos gymnasticos, escolas de natação, de tiro e de esgrima, criação de uma companhia dramatica, organização de um orpheon e de uma sociedade de concertos, de conferencias litterarias e scientificas e de saraus musicaes”<sup>16</sup>. Ignoramos se este objectivo, extremamente ambicioso, foi ou não posto em prática, apenas sabemos que a primeira reunião, para eleição dos corpos gerentes, se realizou no *Café Atlântico*<sup>17</sup>. O seu primeiro Presidente (e redactor dos estatutos) foi Alexandre da Conceição (1842-1889), natural de Ílhavo que, à data, era Chefe da Secção de Obras da Barra da Figueira.

Em 1893, como que dando continuidade à extinta *Associação Naval Figueirense*, nasce a *Associação Naval 1.º de Maio* que, ainda hoje, assume grande projecção na Figueira. Na altura, constituída por “rapazes artistas”, oriundos do meio popular e pequeno-burguês propunha-se, segundo o artigo primeiro dos seus estatutos, “Criar uma escola de nautica e natação, organizar regatas, passeios fluviais ou outras diversões de sport”; pretendia ainda, esta agremiação, promover eventos de natureza cultural, aulas nocturnas de instrução primária e, até mesmo de instrução secundária!<sup>18</sup>. Sublinhe-se que foram estas duas agremiações que, explicitamente, concorreram para a difusão e prática dos desportos náuticos,

<sup>16</sup> *Estatutos e Actas do Club Moderno – 1881*, fl. 1 (manuscrito existente na Sala Figueirense – Biblioteca Municipal da Figueira da Foz).

<sup>17</sup> Este *Café*, segundo José Pires Lopes de Azevedo, devia situar-se numa casa que fazia esquina da Praça Nova para o Cais (Cf. autor cit., “No centenário da Sociedade Arqueológica da Figueira – I parte. Instrução e Associações Contemporâneas da Sociedade Arqueológica da Figueira”, *Sociedade Arqueológica da Figueira, 1898-1910. Centenário* (Catálogo), Figueira da Foz, Ed. Museu Municipal Dr. Santos Rocha, 1999, p. 66).

<sup>18</sup> *Estatutos da Associação Naval 1.º de Maio*, Figueira da Foz, Tip. Popular, 1917. (Estes estatutos foram aprovados em Assembleia Geral, realizada em 22 de março de 1911 e 20 de Dezembro de 1915).

tão adaptados ao gosto e às características naturais desta terra. António Domingues, no artigo “A náutica na Figueira em 1888” (*Figueira Desportiva*), salienta precisamente essa faceta ao afirmar que, além “das condições essenciais como seja o nosso rio [Mondego], o figueirense encontrou neste desporto o mais sólido e dedicado prazer para o praticar”<sup>19</sup>.

Mas, já anteriormente, em 1889, tinha surgido uma outra agremiação desportiva, sediada nos “baixos” da *Assembleia Figueirense*: o *Club Ginástico*. Sobre este, apenas sabemos que teve uma duração efémera e que, em 1900, José Zuzarte dos Santos e José Augusto Evangelista fizeram parte da sua direcção. É, porém, manifesta a importância que terá tido uma vez que, na opinião de J. Sousa Cardoso, esta agremiação desportiva terá sido a origem do *Club Gimnástico Velocipédico* que constitui o objecto do nosso estudo<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> António Domingues, “A náutica na Figueira em 1888”, *Figueira Desportiva*, n.º 105, 23 de Dezembro de 1926, p. 5.

<sup>20</sup> Cf. J. Sousa Cardoso, *Ginásio Clube Figueirense. Subsídios para a sua História (1895-1944)*, Figueira da Foz, 1944, p. 3.

## 2. DO CLUB GIMNASTICO VELOCIPÉDICO AO GINÁSIO CLUB FIGUEIRENSE

### 2.1 A Fundação

Corria o ano de 1893 quando, pelo S. João (tradicionalmente festejado na Figueira), uma comissão composta por Pedro Augusto Ferreira (1868-1958), Guilherme Costa e Artur Lopes Xavier da Silva organizou as primeiras corridas velocipédicas na Figueira da Foz. O percurso, de cerca de 30 quilómetros, compreendia uma ida e volta a Montemor-o-Velho, com a meta instalada na Rua Fernandes Tomaz, frente à *Assembleia Figueirense*, e que, no dizer de um periodista local “se achava apinhada de multidão variegada, alegre e ruidosa”<sup>21</sup>. Estas contaram com a participação de consagrados velocipedistas de Lisboa, Porto, Coimbra e, obviamente, da Figueira<sup>22</sup>. Representando esta última encontravam-se, entre outros, José Bento Pessoa (1874-1954), Manuel Barreto (1875-1930), Albano Custódio (tio) (1865-1904), Constantino Pessoa (1876-1948), Benjamim Galvão e José d’Araújo Coutinho (1866-1935).

Aquela prova, “*papada* por aqueles trens rapidos que, ao perpassarem deixam nos olhos a expressão quasi de um relampago”<sup>23</sup>, foi ganha por José Diogo d’Orey (Lisboa), à época um dos maiores velocipedistas portugueses, com o tempo de uma hora e onze minutos.

Segundo Pedro Augusto Ferreira, aquela prova teve o mérito de

<sup>21</sup> *Correio da Figueira*, n.º 467, 28 de Junho de 1893, [p.3].

<sup>22</sup> Segundo esclarece o periodista do *Correio da Figueira* (n.º 464, 17 de Junho de 1893, [p.7]) foram realizadas duas corridas em simultâneo, uma para os “medalhados” e outra para os “não medalhados” (“que necessariamente ficariam distanciados pelos demais”). Os “medalhados” em representação de Lisboa foram: Eduardo Minchín, José Diogo d’Albuquerque d’Orey, Simão Veiga, João Veiga, António Joaquim dos Santos e João Maria da Costa; do Porto veio Simão Esmeriz e de Coimbra José de Paiva Bobella Motta e António Rodrigues d’Oliveira. Os corredores da Figueira integravam-se, ainda, na corrida dos “não medalhados”. O júri da prova era constituído pelos três organizadores do certame e ainda por Aníbal Pinto, então Presidente do *Clube Velocipedista de Portugal*.

<sup>23</sup> *Correio da Figueira*, n.º 467, 28 de Junho de 1893, [p.3].

entusiasmar a juventude figueirense pelo velocipedismo, então em voga no nosso país<sup>24</sup>. Naquela mesma data, segundo o mesmo autor, “a rapaziada d’esse tempo não tinha Club onde discutir assuntos de sport e, por isso, era no *Café Atlântico* (Cais) que se reuniam para esse fim”; simultaneamente, já “exercitavam os músculos” num telheiro que Joaquim Alves Fernandes Águas (1876-1957) possuía na Rua Nova e onde havia sido colocado “um trapézio, argolas e barra fixa” destinados a esse fim sob a orientação dos irmãos Gaston e Lourenço de Salusse<sup>25</sup>.

No ano seguinte, o administrador do *Mercado Engenheiro Silva*, Dr. João Antunes Pereira das Neves solicitou a Pedro Augusto Ferreira a organização de uma “festa desportiva”, igualmente pelo S. João, com o intuito de angariar fundos para a *Santa Casa da Misericórdia*. Este, em conjunto com o grupo de amigos do *Café Atlântico* (José Carlos da Silva Pinto, Gaston de Salusse e Lourenço de Salusse) organizaram a “festa” que constou de “corridas de obstáculos, fitas, argolas, negativas em bicicleta, corridas pedestres, de sacos, etc.”<sup>26</sup> Eles próprios foram o júri das referidas provas. Cobraram-se entradas a 20 réis por pessoa e alugaram-se cadeiras a 50 réis cada uma. O sucesso alcançado foi de tal ordem, que nesse mesmo ano (Verão), promoveram-se mais cinco festivais desportivos cuja receita reverteu, igualmente, a favor da *Santa Casa*.

O sucesso obtido com aqueles eventos fez nascer na mente daqueles desportistas a ideia da formação de um *Club*<sup>27</sup>. Ainda no ano de 1894 foi

<sup>24</sup> Cf. Pedro Augusto Ferreira, “História do Ginásio Clube Figueirense de 1895 a 1916”, *Vai D’Arrinca*, n.º 1, 1989, p. 4. A propósito desta modalidade Jorge Oliveira Teixeira de Sousa salienta que coube ao Ginásio Clube Português, em 1885, a organização da primeira “secção velocipédica”; a partir desta data a velocipédia vai ganhando cada vez mais adeptos a ponto de, em 1891, surgir “a primeira associação velocipédica propriamente dita, o Club Velocipedista de Portugal”, seguindo-se, depois, em 1893, o *Velo Club* no Porto, em 1894 o *Velo Club* de Lisboa e, finalmente, em 1899 a *União Velocipédica Portuguesa* – a federação desportiva nacional mais antiga do País (Cf. autor cit., *Contributo para o estudo do associativismo desportivo em Portugal*, Lisboa, ed. ISEF, 1988, p.40).

<sup>25</sup> Pedro Augusto Ferreira, *ibidem*. A propósito, recordamos mais uma vez que foi neste mesmo ano (1893) que foi fundada a *Associação Naval 1.º de Maio* por “rapazes artistas” (*Correio da Figueira*, n.º 451, 3 de Maio de 1893, p. 4) o que, desde logo, nos permite afirmar que aquela “rapaziada” se integra num outro grupo social: a burguesia. Saliente-se ainda que, o *Café Atlântico*, parece estar ligado a uma certa tradição desportiva, note-se que as reuniões do *Club Moderno* decorreram nesse mesmo local.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> Segundo o artigo de Pedro Augusto Ferreira que temos vindo a citar foi “Pedro Augusto Ferreira [quem] sugeriu a ideia da fundação d’um club, o que foi aceite por todos [...]”, (“História do Ginásio Clube Figueirense de 1895 a 1916”, *Vai D’Arrinca*, IV série, n.º 1, 1989, p. 4).

organizada uma “comissão instaladora”<sup>28</sup> composta por elementos participantes naqueles festivais: Pedro Augusto Ferreira, Gaston de Salusse e José Carlos da Silva Pinto (1865-1926) aos quais se juntam outros desportistas como: José Zuzarte dos Santos (1869-1927)<sup>29</sup>, José Camolino de Sousa (1870-1922) e Manuel Fernandes Tomaz (1851-1920) que também faziam parte do grupo de amigos do *Café Atlântico*.

A primeira preocupação daquela comissão consistiu em angariar fundos para o novo clube que então se esboçava com a designação de *Club Ginnastico Velocipédico*. Para o efeito, e segundo a *Bíblia do Clube*<sup>30</sup>, logo no dia 16 de Setembro de 1894, realizaram-se corridas velocipédicas nas quais tomaram parte “os mais afamados corredores do país”. Entre eles estavam Eduardo Minchín, José d’Orey, Manuel Ferreira e José Bento Pessoa. Este último, então com 20 anos, vencedor da corrida, iniciaria aqui uma carreira desportiva a nível nacional e internacional que o colocaria entre os melhores ciclistas da época. A prova, cuja meta era na Rua Fernandes Tomaz, rendeu ao novo clube a quantia de 6 420 réis. A esta, assistiram “cerca de 10 000 pessoas, achando-se janelas repletas de senhoras, disputando-se os lugares com afino”<sup>31</sup>.

O empenho colocado na fundação do novo clube e as iniciativas levadas a cabo com o intuito de o dotar de meios financeiros não se ficaram por aqui. Naquele mesmo ano, em 21 de Outubro a Comissão Organizadora promoveu, desta feita, um *sarau dramático-ginástico* realizado no *Teatro Príncipe D. Carlos*.

Apesar da noite chuvosa, o *Teatro Príncipe* encontrava-se repleto para assistir à representação da comédia *Cada doído...*, da autoria de Júlio Gaspar e interpretada pelos actores que faziam parte do grupo de amadores do *Teatro Circo*<sup>32</sup>. Pedro Augusto Ferreira, personagem de vulto desta agremiação como temos vindo a constatar, interpretou a cançoneta *É tudo Postiço*<sup>33</sup>. Na modalidade de ginástica exibiram-se em exercícios de *barra fixa* os ginastas Lourenço de Salusse, Júlio Pestana (1872-1925) e Constantino Pessoa; em *trapézio simples e duplo*, Albano Custódio e Francisco Viana; em *argolas*, estes dois últimos juntamente com

<sup>28</sup> É esta a designação que lhe dá J. Sousa Cardoso, *ob. cit.*, p. 3.

<sup>29</sup> Saliente-se, a propósito, que este elemento já fizera parte do extinto *Club Ginástico*.

<sup>30</sup> Esta fonte manuscrita, de autor desconhecido, foi por diversas vezes objecto da nossa atenção, embora seja uma história factual e diária da vida do Clube, os seus dirigentes actuais dão como correctos todos os dados nela contidos.

<sup>31</sup> *Bíblia...* fl. 1 v.º.

<sup>32</sup> Os actores em questão eram D. Emília Rodrigues, Augusto Maia e Manuel Daniel (cf. Pedro Augusto Ferreira, “História do Ginásio”..., *Boletim cit.*, p. 4)..

<sup>33</sup> O redactor de a *Bíblia* não deixa de sublinhar a versatilidade desta personagem emblemática na História do *Ginásio* ao afirmar que este até “mostrou ter voz agradável [uma vez que] cantou com graça a cançoneta” (Veja-se *A Bíblia...*, fl. 3).

Constantino Pessoa e Júlio Pestana. Este espectáculo rendeu 93 000 réis que se destinaram “às primeiras despesas com a instalação do novo Club”, como salientou Pedro Augusto Ferreira<sup>34</sup>.

Em Novembro (dia 15) daquele mesmo ano e fazendo jus ao nome que haviam atribuído ao clube que se empenhavam em formar – *Club Gimnastico Velocipedico Figueirense* – os sócios Lourenço de Salusse, Albano Custódio, José Bento Pessoa, Galves Júnior (1869-1940), António da Silva Monteiro e Duarte Júnior realizaram o primeiro passeio velocipedico. Os participantes saíram da Praça Nova às dezanove horas e vinte minutos fazendo a volta Figueira – Estrada de Mira – Tavarede – Buarcos – Figueira em uma hora e vinte minutos.

A partir daquela data, os sócios do clube começaram a procurar uma sede para instalar a nova colectividade. Como nos conta Pedro Augusto Ferreira, esta tarefa não foi fácil, uma vez que “os proprietários dos prédios exigiam fiança e avultada renda”<sup>35</sup>, provocando o desânimo nos “rapazes” que até pensaram em desistir do clube. Foi aí que, Joaquim José de Sousa, se lembrou de recorrer ao Dr. José dos Santos Pereira Jardim para o arrendamento de uma casa que servia de armazém de vasilhame, situada na Rua Nova ao n.º 35<sup>36</sup>. Acordado o arrendamento, por 60 000 réis anuais, foram efectuadas as obras necessárias e aí ocorreu pela primeira vez, em Dezembro de 1894, a instalação do clube<sup>37</sup>.

A inauguração formal do *Club Gimnastico Velocipedico Figueirense* ocorreu no dia 1 de Janeiro de 1895, pelas doze horas, quando o seu sócio n.º 1, Pedro Augusto Ferreira, içou a bandeira nacional (o clube ainda não possuía bandeira própria) tendo-se ouvido “muitas palmas e vivas ao novo Club, subindo ao ar muitos foguetes”<sup>38</sup>.

<sup>34</sup> Pedro Augusto Ferreira, “História do Ginásio...”, *Boletim* cit. p. 4.

<sup>35</sup> “Descrição pelo Sócio fundador sr. Pedro Augusto Ferreira”, in Romeu Correia, *José Bento Pessoa. Biografia*, (Separata do boletim *O BNU no Desporto e na Cultura*, n.º 6) Lisboa, Ed. do Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino, 1974, nota de rodapé (1) p. 31.

<sup>36</sup> Esta rua surgirá, posteriormente, com a designação de Rua Tenente Valadim e, actualmente, Rua dos Combatentes da Grande Guerra.

<sup>37</sup> Como a casa era constituída por uma única sala foram feitas quatro divisões em madeira passando a existir: uma sala de ginástica (onde se instalaram os aparelhos, colchões e demais mobiliário que havia pertencido ao extinto *Club Ginástico*), uma sala de *jogo de vasa*, uma sala de vestir e outra para a direcção (cf. Pedro Augusto Ferreira, “História do Ginásio...”, *Boletim* cit., p. 4).

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*.



## 2.2 Sócios Fundadores e primeiros Corpos Gerentes

Diz Jorge Oliveira que “o impulso que leva ao associativismo desportivo decorre de uma solidariedade já existente – *o grupo de amigos*”, cujo elemento de coalizão é, naturalmente, de natureza desportiva<sup>39</sup>. Esta asserção aplica-se aos fundadores do *Ginásio* já que, como verificamos, o clube, basicamente, nasce no grupo de amigos do *Café Atlântico*, o que denuncia, como diz o mesmo autor, “que o desporto é em si mesmo uma poderosa força de atracção e convivência social”<sup>40</sup>.

Conquanto a iniciativa da fundação do *Ginásio* tenha partido de um grupo relativamente restrito de *amigos*<sup>41</sup>, são, porém, considerados *fundadores* “os sócios até ao n.º 53 inclusivé [...], por estarem inscriptos como sócios até ao dia da primeira Assembleia Geral, em 10 de Janeiro de 1895”<sup>42</sup>, os quais apresentamos no quadro I.

Embora só nos fosse possível identificar 44 desses elementos<sup>43</sup>, podemos afirmar que estes faziam parte da *flor* da sociedade figueirense da época, daí a designação pela qual, ainda hoje, aqueles homens são conhecidos: os *finitos*<sup>44</sup>.

Observando atentamente o quadro I verificamos que a profissão dominante é a de negociante (em número de 19). Entre estes encontramos figuras destacadas, não só no meio local, como também nacional; cite-se a título de exemplo, o filho do Visconde da Marinha Grande, Henrique Raimundo de Barros (1873-1929) que, além de dirigir a casa comercial do pai, desempenhou o cargo de secretário do Presidente da República, Manuel de Arriaga, de quem era genro; também o Dr. Manuel Gaspar de Lemos (1874-1967), além de advogado e negociante, desempenhou o cargo de Ministro durante a Primeira

<sup>39</sup> Jorge Oliveira Teixeira de Sousa, *Contributo para o estudo do associativismo desportivo em Portugal*, Lisboa, ed. ISEF, 1988, p. 61.

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>41</sup> Veja-se o ponto 2.1 do presente trabalho.

<sup>42</sup> *Livro de quotas dos sócios*, Janeiro de 1895, fl.1.

<sup>43</sup> Esta identificação só foi possível graças ao prestimoso auxílio do nosso orientador, Prof. Doutor Rui Cascão, a quem muito agradecemos.

<sup>44</sup> *Finitos*, Segundo um redactor do Boletim *Vai D'Arrinca*, significa também “os desportistas do ginásio”, assim designados no início do século XX, (“Explicando o que se segue”, Boletim cit., IV série, n.º 1, 1989, p.3).

# QUADRO I - Sócios Fundadores do Ginásio

N.º de Sócio	Nome	Profissão
1	Pedro Augusto Ferreira (1868-1958)	Inspector Fiscal do Governo (C. de Ferro B. Alta)
2	José Carlos da Silva Pinto (1865-1926)	Empregado público
3	Lourenço de Sáhuze	[?]
4	Gaston de Sáhuze	[?]
5	José Camolino de Sousa (1870-1922)	Amanuense da Câmara (Secretário)
6 [?]	Alberto Bastos da Costa Silva	[?]
7	José Augusto Zuzarte dos Santos (1869-1927) Manuel	Contador da Comarca
8	do Amaral Guerra (1846-1920)	Empregado da C.ª de C. de Ferro da Beira Alta
9	António Rodrigues de Oliveira Paz	Ouvires
10	Júlio Pestana (1872-1925)	Empregado público
11	José Bento Pessoa (1874-1954)	Negociante, depois proprietário
12	Manoel Simões Barreto (1875-1930)	Amanuense
13	Constantino Bento Pessoa (1876-1948)	Negociante, depois amanuense da Câmara
14 [?]	Albano Custódio (tio) (1865-1904)	Proprietário
15	Joaquim Alves Fernandes Aguiar (1876-1957)	Negociante
16	José Augusto Evangelista (1866-1949)	Professor particular
17	Fernando Aires de Azevedo (1868-?)	Empreg.º da C.ª de C. de Ferro da Beira Alta
18	José Cordeiro de Matos (1876-1925)	Escrevente
19	Joaquim Esteves Pereira (1869-1908)	Empregado público
20	José D'Araujo Coutinho Júnior (1866-1935)	Empregado Comercial
21	Augusto Duarte Coelho	[?]
22	Constantino Dias dos Santos (1873-1938)	Empregado comercial
23	João Gaspar de Lemos (1854-1941)	Empreg.º da C.ª de C. de Ferro da Beira Alta
24	António Soares Coronel (1867-1934)	Negociante
25	Joaquim de Barros (1868-?)	Negociante
26	Augusto Rosa Rovisco D'Andrade (1866-1943)	Empregado público
27	Francisco Xavier Magalhães de Lencastre (1865-1933)	Fiscal do Governo
28	António Pereira Correia (1860-1929)	Chefe de Repartição da Linha de C. F.(Beira Alta)
29	Albano Cunha	Empreg.º da C.ª de C. de Ferro da L. da B. Alta)
30	José da Costa Guia (1875-1912)	Negociante
31	Gerardo Roque (1863-?)	Negociante
32	Zacarias José Esteves (1869-1933)	Negociante
33	Jorge Laidley (1871-1932)	Negociante
34	José Lopes Pessoa	Escrutinário
35	Henrique Ramonido de Barros (1873-1929)	Negociante (Secretário do Presidente da República)
36	Manuel Gaspar de Lemos (Dr.) (1874-1967)	Negociante (Advogado e Ministro da 1.ª República)
37	António Aires Duarte Silva (Dr.) (1857-1943)	Bacharel em Direito, Proprietário
38	José dos Santos Lima	[?]
39	António Ribeiro Da Costa Guia (1872-1922)	Escrevente
40	Sebastião Augusto de Carvalho	Negociante
41	Joaquim José de Souza (1875-1905)	Negociante
42	António Laidley Guedes (1875-1933)	Negociante
43	João da Silva Pestana (1881-1946)	Negociante e Despachante Alfândegário
44	Henrique Branco (1857-1917)	Empreg.º da C.ª de C. de Ferro da B. Alta
45	Manuel Fernandes Tomaz (1851-1920)	Empreg.º da Alfândega (Inspector)
46	José Galves Júnior (1869-1940)	Empreg.º da C.ª de C. de ferro da B. Alta
47	José Neto da Rocha	Amanuense
48	Alberto Carlos Vaz (1877-1942)	Empregado Comercial
49	José Gonçalves	[?]
50	António Maria dos Anjos	[?]
51	João E. de Macedo Donato dos Santos	[?]
52	A.Fredo Lopes Vieira de Andrade (1866-?)	Empregado da Alfândega
53	Júlio Carlos Ebur	[?]

<sup>45</sup> Embora não fazendo parte desta listagem, **Pedro Collet-Meygret** (1877-1955), empregado na C.ª de Caminhos de Ferro da Beira Alta, é, igualmente, considerado sócio fundador. (Fontes: *Livro de quotas dos sócios*, 1895, fl.1; *Dossier de Individualidades* – Arquivo Histórico do GCF).

República. Se a este conjunto juntarmos os dois proprietários que figuram no quadro apresentado, o Dr. António Alvares Duarte da Silva (1857-1943) e Albano Custódio (tio), dono de uma empresa de transportes, verificamos que o estrato médio/alto da burguesia figueirense representa aproximadamente 48% do total dos sócios fundadores que identificámos<sup>46</sup>.

Contudo, se a burguesia dos negócios se encontra bem representada naquele grupo de sócios fundadores, não é menos verdade que, também os funcionários (escreventes, amanuenses, empregados públicos, ...), constituem uma parte substancial daquele conjunto que, como podemos observar, são em número de quinze. Seguidamente, e inseridos neste mesmo grupo socioprofissional, em número de oito, surgem-nos os empregados da Companhia de Caminhos de Ferro da Beira Alta, contando-se aqui o respectivo Inspector, Pedro Augusto Ferreira, e o Chefe de Repartição da respectiva Companhia, António Pereira Correia (1860-1929).

De pendor burguês, este clube que temos vindo a tratar realizou, no dia 10 de Janeiro de 1895, a sua primeira Assembleia Geral que, à data, contava “já um número de sócios superior a 60, tudo rapazes novos, animados da melhor boa vontade” como nos conta o redactor de *A Bíblia do Clube*<sup>47</sup>.

Os corpos gerentes eleitos naquela assembleia foram os que constam do quadro II e que, como verificamos, foram igualmente sócios fundadores extremamente empenhados na dinamização do então *Club Ginnastico Velocipédico*. Saliente-se ainda que, a par destes, foram ainda eleitos José Bento Pessoa como *Guia Velocipédico* e Albano Custódio (tio) como *Sub-guia velocipédico*, fazendo assim jus à designação que o clube então tinha.

<sup>46</sup> O modelo de classificação socioprofissional aqui adoptado segue o modelo já adoptado pelo Prof. Doutor Rui Cascão na sua obra, “*Figueira da Foz e Buarcos...*”, pelo que, também nós, incluímos os comerciantes no grupo dos negociantes. (Sobre este assunto, veja-se a *ob. cit.*, p. 336 e ss. Segundo o mesmo autor, Albano Custódio (tio) foi também cavaleiro tauromáquico e faleceu no Brasil.

<sup>47</sup> *A Bíblia...*, fl. 1, v.º.

## QUADRO II - Primeiros corpos gerentes

ASSEMBLEIA GERAL	DIRECÇÃO
<p><b>Presidente</b> – Henrique Raimundo de Barros</p> <p><b>1.º Secretário</b> – Manuel Gaspar de Lemos</p> <p><b>2.º Secretário</b> – José dos Santos Lima</p>	<p><b>Presidente</b> – Pedro Augusto Ferreira</p> <p><b>Vice-Presidente</b> – Jorge Laidley</p> <p><b>Secretário</b> – José Camolino de Sousa</p> <p><b>Tesoureiro</b> – José Carlos da Silva Pinto</p> <p><b>Vogais</b> – José Augusto Evangelista, Joaquim Alves Fernandes Águas e Manuel Fernandes Tomaz</p>

A actividade do clube teve lugar logo no mês de Janeiro com o início das classes de ginástica para adultos (todas as quartas e sábados), a cargo de Manuel Guerra (1846-1920) um dos sócios fundadores. Pouco tempo depois, foi também criada uma classe infantil (de ginástica) que ficou a cargo de Pedro Augusto Ferreira. Segundo o redactor de *A Bíblia do Clube*, é ainda neste mesmo ano, 1895, no dia vinte e cinco de Abril que “alguns sócios do *CGV* organizaram ultimamente uma troupe de *Foot-Ball*”<sup>48</sup>. Deste desporto, no entanto, só mais tarde, ouviremos falar.

Nos finais de 1896 o Clube possuía já cinco secções: *Ginástica, Velocipedia, Esgrima, Tiro, Dança e Dramática*<sup>49</sup>.

Mas, outras preocupações estavam na mente destes dirigentes (Fotografia 2). Tornava-se necessário dotar o clube do respectivo regulamento, elaborar o emblema bem como a respectiva bandeira (seria branca com o escudo ao centro). Para esse efeito reuniu a Assembleia Geral no dia 5 de Abril de 1895. Quer o regulamento (que foi aprovado “com pequenas alterações”<sup>50</sup>), quer o modelo de emblema do clube<sup>51</sup> foram da autoria de Pedro Augusto Ferreira. Pela actividade que este sócio demonstrou, não admira que, nesta reunião, o mesmo, tenha sido elevado à categoria de primeiro sócio benemérito.

<sup>48</sup> *A Bíblia...*, fl. 4. (As iniciais *CGV* são vulgarmente utilizadas pelo redactor, leia-se: *Clube Ginástico Velocipédico*).

<sup>49</sup> Além destas, pensa-se já na criação das secções de *Náutica e Foot-Ball* (cf. *A Bíblia...* fl. 16). Estas, serão objecto da nossa atenção no ponto seguinte do presente trabalho.

<sup>50</sup> *Idem*, fl. 2.



Fotografia 2. Ao centro, sentado, reconhece-se Pedro Augusto Ferreira.

**Fonte:** espólio fotográfico do Arquivo Histórico do GCF.

Coube igualmente aos primeiros corpos gerentes a inauguração oficial do clube. Para o efeito realizou-se um sarau ginástico<sup>52</sup> no dia 5 de Maio e ao qual assistiram, entre outros, o Conselheiro Neves e Sousa, o Administrador do Concelho, a vereação da Câmara e o Governador Civil do Distrito. No final do sarau tocou-se pela primeira vez o hino do clube, da autoria de Luiz Penteado (pianista de Lisboa).

<sup>51</sup> Este emblema foi depois executado na oficina de António Paz (ourives), por Manuel Dias Soares (Cf. *A Bíblia* ... fl. 3).

<sup>52</sup> Este Sarau inaugural consistiu em demonstrações de: *Assalto de Sabre* pelos ginastas Henrique Raimundo de Barros e Pedro Ferreira; *Barra, Argolas e Paralelas* por Constantino Pessoa, José Augusto Evangelista, Manuel Fernandes Tomaz, Augusto Duarte Coelho, José Costa Guia, Francisco Ferreira, Júlio Pestana e Pedro Collet-Meygret que só não participou em *Paralelas*; em *Trampolim* fizeram demonstrações Manuel Fernandes Tomaz, Constantino Pessoa, Júlio Pestana e Francisco Ferreira; finalmente em *Trapézio* apresentou-se a classe infantil constituída “pelos meninos Joaquim Fialho, Gabriel Torres, Raul Diellton e Albano Custódio (sobrinho), ensaiados por Pedro Ferreira” (cf. *A Bíblia...*, fl. 2, v.º).

A partir daquela data o *Ginásio* não deixará de crescer. Pelo seu primeiro aniversário (comemorado em 2 de Janeiro de 1896) promoveu-se novo sarau ginástico que, à semelhança do primeiro, constitui um grande êxito para o clube tornando-se, desde logo, evidente que a sede inicial era demasiado pequena para acolher o cada vez maior número de sócios e de modalidades que então oferecia. Será nos finais deste mesmo ano que o Clube se irá instalar na nova sede: *O Teatro Príncipe D. Carlos*, a que a seguir faremos referência.

## 2.3 A nova sede: O Teatro Príncipe D. Carlos

Construído pela *Empresa Constructora do Teatro Figueirense*, SARL e projectado pelo Engenheiro Adolfo Loureiro (1836-1911), à época responsável pela direcção das obras do porto da Figueira<sup>53</sup>, o teatro Príncipe era “um dos mais elegantes da provincia, esta[va] situado no largo 24 de Agosto, e ruas Fernandes Thomaz e Principe Real que lhes correm parallellas, e junto ao Mondego, que a poucos metros de distancia se vai lançar no oceano”<sup>54</sup>.



Fotografia 3. O Teatro Príncipe. Apenas se lê “Theatro” no Frontão pelo facto de a fotografia ser posterior à Implantação da República e, por conseguinte, a inscrição “Príncipe D. Carlos” ter sido apagada.

**Fonte:** espólio fotográfico do Arquivo Histórico do GCF.

<sup>53</sup> Para uma completa informação sobre esta *Empresa* e a construção do *Teatro Príncipe D. Carlos* veja-se a obra de Rui Cascão, cit. *supra* nota 9.

<sup>54</sup> *Guia Anunciador da Praia da Figueira*, Figueira, Imprensa Lusitana, 1890, p. 25.

Inaugurado em 8 de Agosto de 1874 nele representaram “as principaes companhias do paiz” que, durante o ano se apresentavam na Figueira (fotografia 3).

Foi à direcção daquele Teatro que os dirigentes do ainda denominado *Club Gimnastico Velocipédico Figueirense*, na pessoa do seu Presidente, Manuel Gonçalves Santiago, e do vogal António Rodrigues Paz, propuseram o seu arrendamento, dado aquele possuir as condições necessárias à sua nova sede.

Em Junho de 1896, pela quantia de 150 000 réis por ano, pago ao semestre, foi feita a escritura de arrendamento do teatro, no escritório do notário Dr. Oliveira, inicialmente por um período de 5 anos. A quantia era bastante elevada e foi necessário garantir como “fiador, todos os haveres do clube”, como nos conta Pedro Augusto Ferreira<sup>55</sup>.

No entanto, aquele arrendamento suscitou alguma polémica nos jornais locais, nomeadamente, na *Gazeta da Figueira*, onde o articulista José Brandão escreveu que, após aquela data, não mais se veriam na Figueira boas companhias de teatro. A resposta veio de um sócio do clube que, no mesmo periódico, argumentava: “o Teatro Príncipe não fechará, tanto mais que a condição da escritura determina: «A Direcção do Club conservará o actual pessoal do teatro, compreendendo a orquestra»”<sup>56</sup>. Ultrapassada a polémica, dispendo de mais espaço e de melhores condições de actividade, inicia-se a partir daquela data, uma nova fase na vida do clube “por onde deveria passar quasi toda a mocidade da Figueira, cultivando vários sports”, como nos diz o autor que temos vindo a citar<sup>57</sup>.

Este teatro, cujo interior “era uma cópia do Teatro S. Carlos de Lisboa”<sup>58</sup>, possuía uma bela sala com óptimas condições acústicas e “no tecto vêem-se, cercados de ornatos, uns medalhões com os retratos d’alguns dos mais distinctos dramaturgos e actores portuguezes”<sup>59</sup>. Comportava entre 700 a 800 espectadores que se dividiam por 18 camarotes de 1.ª ordem e 19 nas “frisas”, aqui tinham assento a Direcção do Club e as famílias mais importantes da terra: “as famílias Sosas, Rochas, Nogueira, Mendes, Feras, [...]”<sup>60</sup>; na plateia, 28 lugares e nos

<sup>55</sup> Cf. Pedro Augusto Ferreira, art. cit., *Vai D’Arrinca*, IV série, n.º 3, Novembro de 1989, p. 3.

<sup>56</sup> Cit. in a *Biblia...* fl. 11. A propósito desta polémica veja-se a *Gazeta da Figueira*, n.º 465 de 8 de Julho de 1896, p.2, o art.º de José Brandão e a resposta ao mesmo no jornal cit., n.º 466 de 11 de Julho de 1896, p. 3.

<sup>57</sup> Cf. Pedro Augusto Ferreira, art. cit., *supra*, p. 5.

<sup>58</sup> Cf. “A «dança» das sedes”, *Vai D’Arrinca*, IV série, n.º 3, Novembro de 1989, p. 3.

<sup>59</sup> *Guia Anunciador da Praia da Figueira*, ... p. 25-26.

<sup>60</sup> “Uma festa no Ginásio. Há trinta e vários anos”, *Gymnásio Club Figueirense*, n.º único – comemorativo do seu cinquentenário, Figueira da Foz, 1 de Janeiro de 1945.

*fauteils* 37 cadeiras destinadas à “fina e firme mocidade”; “na Superior gente mais calma”, com 98 lugares; na Geral com 92 lugares sentavam-se “pessoas modestas” e, finalmente, nas galerias que comportavam 150 lugares tinham assento “criadas dos sócios”<sup>61</sup>.

Concebida como sala de espectáculos, para que nela pudessem agora ser praticados *exercícios ginásticos*, necessariamente havia que proceder à sua transformação. Como nos faz saber J. Sousa Cardoso, foi necessário mandar fazer um estrado desmontável que, assente sobre a plateia, prolongava o palco, permitindo assim ampliar o espaço onde “as classes de educação física e certas festas” tinham lugar<sup>62</sup>. Este estrado havia custado 140\$000, que juntando às restantes despesas de instalação do clube somou cerca de 600\$000. Para cobrir estas despesas foi necessário que, entre os sócios, se contraísse um empréstimo através de vales, cujo valor ascendeu a 1000 réis.

No entanto, outros espaços do teatro foram transformados: o salão nobre que serviu de sala de leitura foi igualmente aproveitado para instalar dois bilhares<sup>63</sup>; nas duas salas laterais foram instaladas, respectivamente, uma sala de jogo de vasa e outra que servia de gabinete à direcção<sup>64</sup>. Mais tarde, e segundo a direcção em exercício em 1896, “pareceu de grande conveniência a montagem d’um botequim, pois que, além de oferecer commodidade aos socios, produzia uma receita aliás importante”<sup>65</sup>, o mesmo, foi instalado no corredor da direita dos camarotes de segunda ordem; no da esquerda, foi instalada uma “carreira” de tiro ao alvo<sup>66</sup>.

<sup>61</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>62</sup> Cf. J. Sousa Cardoso, *ob. cit.*, p. 8-9.

<sup>63</sup> Sobre os bilhares, diz Pedro Augusto Ferreira: “Reconhecendo-se a necessidade de dois bilhares, o Dr. João Antunes Pereira das Neves, emprestou um que esteve no clube uns 5 ou 6 anos, mandou-se fazer outro no Porto por 180 000 réis, adiantando o dinheiro para este, o presidente Manuel G. Santiago. Mais tarde, comprou-se outro bilhar, entregando-se ao Dr. Neves o que era dele”. Cf. Pedro Augusto Ferreira, “História do Ginásio”, *Gymnásio Club Figueirense*, n.º único ..., p. 5.

<sup>64</sup> Foi “o sócio Gualdino Guimarães [que] mobilou à sua custa uma sala de jogo da vasa. A mobília constou de 4 mesas, 2 colunas e dois vasos com o emblema do ginásio, cadeiras, quadros com moldura de riga, emblema do clube em cimento e reposteiros”. (*Idem, ibidem*).

<sup>65</sup> *Gymnásio – Club Figueirense. Gerência de 1896-1897. Relatório da Direcção e Parecer da Comissão Revisora de contas*, Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1897, p.9

<sup>66</sup> Cf. J. Sousa Cardoso, *ob. cit.*, p. 9.





Fotografia 4. Interior do Teatro Príncipe.

**Fonte:** espólio fotográfico do Arquivo Histórico do GCF.

Condignamente instalado, será a partir daqui que o *Ginásio Club Figueirense* (designação que toma em Assembleia Geral, realizada em Dezembro de 1896) iniciará a sua época áurea. Como disse o seu sócio fundador n.º 1: “deram-se magníficas festas, tais como saraus dramáticos, ginásticos, musicais, regatas, tiro aos pombos, garraíadas, corridas pedestres, passeios fluviais e velocipédicos, torneios de foot ball, natação, etc., tendo sempre o Ginásio vida desafogada, devido á boa vontade e dedicação de seus sócios”<sup>67</sup>. Esta época de prosperidade durou até à madrugada do dia 25 de Fevereiro de 1914, quando após terminar um sarau dramático em que foram representadas as operetas *A Marcha de Cadiz* e *O Bibi*, deflagrou no teatro um pavoroso incêndio que, devorou todos os bens do clube, com excepção de alguns barcos que estavam numa das lojas do edifício e que foram salvos com a ajuda dos sócios da *Associação Naval 1.º de Maio*<sup>68</sup>.

<sup>67</sup> Pedro Augusto Ferreira “História ...”, *ob. cit.*, p.5.

<sup>68</sup> Veja-se o Anexo I onde consta o programa completo da fatídica noite anotado por Pedro Augusto Ferreira.

Foi grande a consternação entre todos os *ginasistas* e ainda se tentou a sua reedificação sendo a obra orçada em 55 contos, mas não foi possível arranjar todo o dinheiro e, logo depois, surgiu a grande guerra (1914-1918). Como nos diz Maurício Pinto, àquela data, “a obra já não se podia fazer nem com o dobro da quantia calculada”<sup>69</sup>.

Conquanto o *Ginásio* tenha sofrido um forte abalo com a perda do Teatro, os sócios do clube não sucumbiram, antes pelo contrário, reagiram e procuraram nova sede. Em 1917 já um periódico local afirmava: “O Ginásio atravessa uma fase intensa da vida. Um bafo de vitalidade passa como um estremecimento de força pelos seus *sportmen*”<sup>70</sup>. Mas, essa é outra etapa que escapa ao âmbito cronológico que nos propusemos abordar no presente estudo.

## 2.4 Os estatutos

Os primeiros estatutos do clube foram elaborados em 1896, por uma comissão composta por Manuel Gonçalves Santiago, Pedro Augusto Ferreira, Dr. Filipe Nery da Silva Pinto, Henrique de Barros, José Camolino de Sousa e José Carlos da Silva Pinto, tendo sido aprovados em Outubro do mesmo ano. É de salientar que se devem a estes Estatutos a nova designação do clube, como nos diz o nosso redactor de *A Bíblia*: “os estatutos tinham o título de *Ginasio Club Figueirense*”, acrescentando ainda que, os periódicos locais, quando se referiram ao sarau dramático realizado no dia 1 de Novembro desse mesmo ano escreviam: “Ginásio Club Figueirense. Esta sociedade em que se crismou ultimamente o *C. G. V.F.*”<sup>71</sup>.

<sup>69</sup> Maurício Pinto, “A acção do Teatro na vida do Ginásio”, *Gymnasio – Club Figueirense*, n.º único – comemorativo do seu cinquentenário, Figueira da Foz, 1 de Janeiro de 1945.

<sup>70</sup> “Ginásio Club Figueirense”, *A Voz da Justiça*, n.º 1 534, 14 de Agosto de 1917, p. 2. A prova de que a crise foi definitivamente ultrapassada foi também noticiada em *O Figueirense*, n.º 55, 13 de Maio de 1920, p. 2, no art.º intitulado “Gimnasio Club Figueirense”, nos seguintes termos: “O Gimnasio – que tem dormido à sombra dos loiros que tantos triunfos marcam na sua vida brilhante de vitórias! – vai despertar [...]. A «escola de vela» já abriu [...]. Domingo próximo vai efectuar-se um luzido passeio ciclista a Santa Olaia. Vai doido entusiasmo por isso, no club [...]”.

<sup>71</sup> Cf. *A Bíblia...*, fl. 14.

Não temos conhecimento do texto daqueles estatutos. Pensamos que o mesmo não deverá diferir muito do texto dos estatutos que datam de 1908. Nestes, somos elucidados sobre o tipo de sócios e condições de admissão dos mesmos no clube. Diz o artigo segundo no capítulo II: “Esta associação compõe-se de sócios effectivos, correspondentes, honorários e beneméritos de ambos os sexos, em número ilimitado, não podendo ser admitidos sem que tenham pelo menos 14 annos de idade”<sup>72</sup>. Nos quatro parágrafos únicos daquele mesmo artigo esclarece-se esta tipologia, ou seja: eram considerados sócios effectivos todos aqueles que residissem na Figueira, pagando uma jóia de 1\$000 réis no acto da admissão e uma quota mensal de 300 réis; correspondentes, e tal como a designação indica, eram os que residiam fora da Figueira e que estavam sujeitos ao pagamento de uma quota anual de 1 200 réis<sup>73</sup>; os sócios honorários estavam isentos do pagamento de jóia e quotas (podendo no entanto fazê-lo caso o desejassem) e eram todos aqueles a quem era reconhecido mérito sendo, por isso, elevados a esta categoria; finalmente, os sócios beneméritos eram aqueles que prestavam serviços relevantes ao *Ginásio* e contribuíam com a quota de sócio effectivo ou correspondente conforme vivessem na cidade ou fora dela. Quer-nos parecer que, pelo menos até à data destes estatutos, existiam ainda outra categoria de sócios: os *protectores*.

Logo em 1895 encontramos inscritos 12 *sócios protectores*, elevando-se este número para 25 no ano de 1897<sup>74</sup>.

Como se pode ler no artigo primeiro dos *Estatutos*: “O Club Gymnastico Velocipédico Figueirense, fundado em 1 de Janeiro de 1895, denomina-se Gymnasio-Club Figueirense e tem por fim desenvolver todos os generos de *sport*, e proporcionar quaesquer diversões aos socios e suas famílias”. É destes *sports* e diversões que seguidamente nos ocuparemos.

<sup>72</sup> *Estatutos do Gymnasio – Club Figueirense*, Figueira da Foz, Typographia Popular, 1908.

<sup>73</sup> Note-se que, em 1895, os sócios effectivos pagavam exactamente a mesma quota mensal e os correspondentes pagavam 300 réis por trimestre, o que equivale aos 1\$200 réis anuais, pagos em 1908, data dos Estatutos (cf. *Livro das quotas dos sócios*, Janeiro de 1895, fls. 1 e 5 v.º, respectivamente).

<sup>74</sup> Cf. *Livro das quotas dos sócios*, ... fl. 3 v.º, *Gymnasio – Club Figueirense, Gerência de 1896-97, Relatório da Direcção e parecer da Comissão Revisora de Contas*, Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1897, p.5, respectivamente. Esta última fonte dá-nos conta dos “progressos do Ginásio”, no que ao número de sócios diz respeito, elaborando para o efeito o quadro que transcrevemos:

#### ***Progressos do Ginásio.***

<b>Sócios</b>	<b>1895</b>	<b>1896 a 9 de Março de 1897</b>	<b>A mais</b>
Sócios effectivos	75	168	96
Sócios protectores	10	25	15
Sócios correspondentes	34	74	40
<b>To tal</b>	<b>116</b>	<b>267</b>	<b>151</b>

### 3. AS ACTIVDADES DO CLUBE (1895-1914)

#### 1.1 As secções desportivas

Foi durante a segunda metade do século XIX que, lentamente, o desporto se foi instalando. Configurado a uma temporalidade autónoma (o calendário desportivo, por exemplo), propício “à disponibilidade e à escuta do corpo”, como diz Alain Corbin<sup>75</sup>, introduziu não só uma mutação da sociabilidade mas também um novo vocabulário (importado dos ingleses) visível através dos termos *sport*, *sportsmen*, *team*, entre outros que, como sabemos, passaram a ser utilizados nos meios desportivos e não só.

Consideramos relevante procurar conhecer a actividade desportiva do *Ginásio* através da análise das diferentes secções que, na sua primeira fase de vida, foram praticadas pelos *ginasistas*.

Uma das primeiras secções criadas foi a **Velocipedia**. Pensamos poder afirmar que foi esta modalidade e o seu mais exímio praticante, José Bento Pessoa, que estiveram na origem da fundação do *Club Ginnástico Velocipédico Figueirense*, não só pela designação que o clube então tinha, mas também pelo facto de no seu escudo figurar o símbolo do velocipedismo de forma bem destacada. Além do mais, como já tivemos oportunidade de salientar, na origem da fundação do clube encontram-se as famosas corridas velocipédicas disputadas na Figueira, pelo S. João, em 1893. Aliás, Albano Duque transmite essa mesma ideia e mais, num artigo que escreveu num jornal publicado aquando do cinquentenário do clube, afirma mesmo que, à fundação do dito clube “presidia a ideia e a necessidade de enquadrar José Bento Pessoa dentro de um Velo-Club”<sup>76</sup>.

Toda a actividade desta secção decorreu em paralelo com a carreira daquele velocipedista que, em Portugal e no estrangeiro, somou inúmeras vitórias, prestigiando assim não só o seu nome mas também o seu clube<sup>77</sup>.

<sup>75</sup> Cf. a obra dirigida por Alain Corbin, *L'Avènement des Loisirs, 1850-1960*, Paris, Aubier, 1995, p. 191. Sobre esta temática veja-se ainda, na mesma obra, o capítulo “Le temps du Sport”, da autoria de Georges Vigarello, pp. 193-221.

<sup>76</sup> Albano Duque, “José Bento Pessoa e o velocipedismo”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único – comemorativo do seu cinquentenário, Figueira da Foz, 1 de Janeiro de 1945.

<sup>77</sup> Sobre José Bento Pessoa e o velocipedismo veja-se também a biografia escrita por Romeu Correia, *ob. cit.*

Mas, outros *ginasistas* concorreram para o sucesso desta secção do clube e merecem ser citados. Entre estes, destacaram-se Albano Custódio (sub-guia velocipédico da respectiva secção), Joaquim Alves Fernandes Águas, José de Araújo Coutinho, Constantino Pessoa (irmão de José Bento), Adolfo Rodrigues, Manuel Simões Barreto, António da Encarnação Pestana, Afonso Rainha, António Mesquita e Rodrigues de Oliveira.

Além dos passeios velocipédicos realizados a Santa Olaia, Coimbra e Leiria, entre outros, ficaram famosas as corridas realizadas em 1901, nos dias 25 de Junho e 22 de Setembro, sob o regulamento da *União Velocipédica Portuguesa*. Nelas tomaram parte a “elite” dos velocipedistas portugueses como por exemplo: José Bento Pessoa, José D’Orey, Ernesto Zenóglia, Joaquim Belo d’Almeida e José Maria Dionísio, entre outros. Para o efeito, improvisou-se um velódromo na rua do Príncipe Real (actual rua da República) e Rua Fernandes Tomaz sendo as duas ruas ligadas nas duas extremidades (norte e sul) por planos inclinados (feitos em madeira).

O sucesso desta secção atingiu tal amplitude que, em 5 de Março de 1902, a *União Velocipédica Portuguesa* concede ao *Ginásio* uma menção honrosa pelos serviços prestados em prol da velocipedia. No dia 6 de Junho do mesmo ano foi aprovada em Assembleia Geral a proposta da Direcção de se filiar o clube naquela Federação.

Esta euforia, ou melhor esta velocipedomania que nos finais do século adquiriu imenso prestígio ao mesmo tempo que promoveu “um engenho fortemente sedutor [a bicicleta], um dos primeiros objectos manufacturados em série, [considerado] também um dos primeiros a acelerar o tempo dos trajectos familiares”<sup>78</sup>, conhecerá um certo declínio quando, pelos finais da monarquia, o remo e o futebol monopolizarem as atenções dos *ginasistas* da época.

Se a velocipedia esteve na origem e fundação do clube, não é menos verdade que também a **ginástica** marcou aí presença de relevo. Os exercícios executados em *barra fixa, argolas, paralelas, trampolim e trapézio simples e duplo* eram considerados como aqueles que mais “efficazmente concorrem para o desenvolvimento physico da mocidade”<sup>79</sup>. Logo no mês de Janeiro de 1895

<sup>78</sup> “Elles promeuvent un engin fortement séducteur, un des premiers objectes manufacturés de grande série, un des premiers aussi à accélérer le temps des trajets familiers », cf. Georges Vigarello, « Les temps du Sport », *ob. cit.*, p. 206.

<sup>79</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 231, 7 de Abril de 1894, p. 3.

começaram as aulas para adultos (“todas as quartas e sábados”<sup>80</sup>) dirigidas por Manuel Guerra e, no ano seguinte, uma classe infantil dirigida por Pedro Augusto Ferreira (fotografia 5).



Fotografia 5 – Classe de Ginástica infantil.

**Fonte:** espólio fotográfico do Arquivo Histórico do GCF.

“Na base da cultura física e da preparação para os desportos encontra-se, desde a fundação do Gimnásio Club Figueirense, a ginástica (de movimentos e aparelhos) tanto para adultos como para crianças”<sup>81</sup>. Foi uma secção extremamente activa, na qual os professores de ginástica foram mudando ao longo do período estudado<sup>82</sup>. Realizaram-se inúmeros saraus ginásticos (entre

<sup>80</sup> Cf. *A Bíblia ...*, fl. 2. Esta mesma fonte esclarece-nos ainda que, em 1897, aquelas aulas tinham início às 18 horas e trinta minutos para a classe infantil e para adultos às 20 horas, todas as quartas e sábados (fl. 29).

<sup>81</sup> “Outros desportos”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único – comemorativo do seu cinquentenário, (...).

<sup>82</sup> Além dos dois professores anteriormente referidos citem-se ainda os nomes de: Dr. António Alves Duarte Silva, José Evangelista, José das Neves Eliseu, Armindo Girão e Tomaz da Fonseca que, até 1916, asseguraram esta secção. (Cf. *Vai D’Arrinca*, IV série, n.º 1, Janeiro de 1989, p. 7.

1895 e 1909 o seu número ascende a mais de uma dúzia), sendo a época preferida para a sua realização as festas de aniversário do clube. De entre os praticantes cabe aqui destacar os irmãos Salusse, José Augusto Evangelista, Pedro Collet-Meygret, Júlio Pestana, Constantino Pessoa, Albano Custódio, Manuel Fernandes Tomaz e tantos outros que se tornaria exaustivo mencioná-los a todos<sup>83</sup>.

No entanto, devemos aqui sublinhar que, a ginástica de aparelhos, logo no início da implantação da República conheceu alguma decadência. Como nos diz Pedro Augusto Ferreira: “A ginástica teve os seus tempos áureos, mas decahiu por motivo de propaganda hostil, que se fez contra a ginástica de aparelhos”<sup>84</sup>. De facto, logo no primeiro dia de Janeiro de 1913, aquando de uma conferência sobre educação física, realizada no *Ginásio* por Jayme Thomaz da Fonseca (Tenente de Infantaria 28 e, à época, professor de ginástica do clube), é significativo que tenha sido feita a apologia da *ginástica sueca*, então em voga no nosso país<sup>85</sup>. Pensamos que esta foi introduzida, provavelmente, no ano anterior pois, nessa festa de aniversário do clube (1 de Janeiro de 1913) e, no final da dita conferência, são já feitas demonstrações práticas “por alumnos da escola de gymnastica, alguns movimentos [porque] tudo na gymnastica sueca obedece a regras rigorosamente scientificas”.

Uma outra secção que juntamente com as anteriores, o clube, desde a sua fundação, proporcionou aos sócios, foi a de **esgrima**. Embora esta modalidade tenha melhor enquadramento no exército, ela não deixou de ser praticada pelas várias associações desportivas que, nesta época, existiam. Segundo Rui Cascão

<sup>83</sup> Veja-se a lista de ginastas apresentada no Boletim que citamos *supra*, p.7.

<sup>84</sup> Cf. Pedro Augusto Ferreira no artigo e Boletim que temos vindo a citar (p. 5).

<sup>85</sup> A este propósito, veja-se *O Livro de Actas da Assembleia Geral, 1915-1925* (Arquivo Histórico do Ginásio Clube Figueirense), fl. 1 v.º (Acta do dia 1 de Janeiro de 1913). Nessa mesma acta faz-se o resumo dessa conferência nos seguintes termos: “Jayme Thomaz da Fonseca falou do «valor d’essa educação»; demonstrou com muitos exemplos o carinho, o amor com que lá fora, especialmente nos povos do norte, se cuida da gymnastica racional; citou factos interessantes [...]. [A ela] não afluí só a iniciativa particular mas os próprios governos, porque comprehendem, e muito bem, que a educação physica, quando racionalmente orientada torna o homem mais apto para a luta pela existência, cada vez mais árdua, e em que os fracos, por consequência, em geral fracassam”. Recorde-se que a *ginástica sueca* ou *método de LIng* foi fundada por P. Henrik Ling (1776-1839) – sueco – que propôs um modelo de ginástica apoiado em conhecimentos de fisiologia e anatomia, que teria o mérito de conduzir a “população a um estado mais favorável de saúde” (Jorge Oliveira Teixeira de Sousa, *ob. cit.*, p. 32). Segundo este mesmo autor foi, em 1881, no *Real Ginásio Clube*, que se realizou o primeiro curso de ginástica sueca (*idem.*, p. 39).

esta era a modalidade “mais acarinhada pelo Ginásio Club Português” que, em 1881, iniciou a modalidade com o mestre de armas António Pinto Martins<sup>86</sup>. Conquanto não tenha sido uma actividade desportiva muito praticada, cabe aqui salientar que os *assaltos de sabre*, que tiveram lugar em diferentes saraus ginásticos, e se realizaram entre o seu primeiro instrutor, o nosso já conhecido Pedro Augusto Ferreira e Henrique de Barros. Foram alunos nesta modalidade Manuel Fernandes Tomaz, Augusto Duarte Coelho, Pedro Collet-Meygret, “Chico da Havaneza”, Joaquim de Sousa e Fernando Alves de Azevedo. Diz-nos J. Andrade que “eram deveras pitorescos os assaltos realizados por estes últimos, cujo temperamento lhes não permitia a clássica esgrima, terminando quase sempre em «espadaria bravia», o que era muito apreciado pela numerosa assistência que, de resto, já previa esses finais”<sup>87</sup>.

No dia 14 de Maio de 1897, o *Ginásio* inaugura nova secção: o **pedestrianismo**. Para o efeito realizou um passeio ginástico que compreendia o percurso Figueira – Buarcos – Tavadre – Estrada de Mira – Figueira, entre as 9 horas e 17 minutos (saída do Ginásio) e as 10 horas e 23 minutos (chegada). Neste passeio, executado em *passo ginástico*, participaram Constantino Pessoa, Oliveira Santos, Augusto Coelho, Manuel Fernandes Thomaz, José das Neves Eliseu, Pedro Collet-Meygret, António da Silva Monteiro, José Maria Rocha da Fonseca, António Roque e Júlio Pestana.

Daquela disciplina desportiva, que cremos ter sido o berço do moderno *atletismo*, apenas tivemos conhecimento, durante o período por nós estudado, de outras provas realizadas em 1899, na Rua da República onde teve lugar uma prova de 100 metros, juniores, ganha por Constantino Pessoa; outra de 5 000 metros, seniores, cuja vitória coube a Carlos Vieira de Almeida; e uma outra prova de 4 000 metros, só para os sócios do *Ginásio* ganha por José da Cunha Novais.

A **caça**, desporto tradicionalmente aristocrático e, talvez, o mais antigo de Portugal, também mereceu a atenção dos *ginasistas*. Criada em 8 de Fevereiro de 1899, a secção de caça foi, inicialmente, dirigida por José Evangelista, Mario Baltar de Oliveira e Fernando Costa. Os fins que presidiram a esta secção prendiam-se, como diz o redactor de *A Bíblia*, com “o de manter por todos os meios as prescrições legais que prohibem o exercício da caça nos meses de febre”,

<sup>86</sup> Cf. Rui Cascão, *As Novas Sociabilidades*, Coimbra, (em publicação), e Jorge Oliveira Teixeira de Sousa, *ob. cit.*, p. 41.

<sup>87</sup> J. Andrade, “A Esgrima”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único, (...).



instituindo, para o efeito, prémios a quem denunciasse os transgressores<sup>88</sup>. Quer-nos parecer que a maior acção desta secção se prendeu mais em impor uma certa disciplina aos caçadores furtivos, do que propriamente na prática de exercícios lúdicos<sup>89</sup>. Destes, apenas temos conhecimento de uma batida às raposas (autorizada pela Câmara e pelo Administrador do Concelho), realizada no último ano do século XIX, bem como alguns exercícios de tiro aos pombos e um torneio deste tipo, na Murraceira, sensivelmente na mesma época.

A secção de **Tiro** é dada como tendo sido criada aquando da fundação do clube. De facto, ao consultarmos *A Bíblia*, encontramos aí mencionada esta secção, logo em Dezembro de 1897 dirigida por Rodrigo Galvão, J. M. Luiz D'Almeida e Joaquim José de Sousa<sup>90</sup>. Conquanto no período por nós estudado não tenhamos encontrado mais nenhuma referência a esta modalidade ela, de facto, deverá ter sido praticada dado que, na própria sede (*Teatro Príncipe*), existia uma carreira de tiro, como já referenciamos. Pensamos que esta secção, nos primórdios, terá funcionado um pouco em simbiose com a secção de caça, uma vez que estas duas pressupõem a utilização de armas de fogo<sup>91</sup>.

No entanto, aquela secção conhecerá os seus tempos áureos na década de Vinte. Foi nesta época, mais precisamente em 14 de Julho de 1922, “que se constituiu dentro do clube a *Sociedade de Tiro n.º 13*, que já em Agosto do mesmo

<sup>88</sup> *A Bíblia* (...), fl. 39. O redactor deste documento acrescenta ainda: “Esta Direcção gratifica com 300 réis quem provar com testemunhas qualquer transgressão ao regulamento da caça e concede prémios de : 300 réis por cada raposa morta, viva 600 réis; texugo 200 réis; gato bravo e ginête 300 réis; milhafre 100 réis; a quem indicar o lugar aonde uma perdiz criou, 500 réis; estes prémios serão entregues na sede do Ginásio” (*idem.*).

<sup>89</sup> Ao que parece, quer o diário *O Século*, quer o *Diário de Notícias*, segundo o redactor de *A Bíblia*, em 1899, referiram-se às providências tomadas pelo Ginásio nos seguintes termos, respectivamente: “Se todos os amadores se houvessem com tanto zêlo e distinção como aqueles que compõem a secção de caça do G. C. F., os esforços das associações encontrariam ecos em todo o paiz e muitos e muitos abusos seriam reprimidos”; “O G. C. F. pela sua secção de caça está envidando os mais louváveis esforços para que sejam respeitadas as leis reguladoras do defêzo. Louvamos o G. C. F. pela sua iniciativa e felicitamos os bons caçadores pelo aparecimento de mais um grémio em defesa da causa que tanto lhes interessa”. (*A Bíblia ...*, fls. 40-41).

<sup>90</sup> *A Bíblia ...*, fl. 16.

<sup>91</sup> Além do mais, a prática do “tiro aos pombos” constitui mais um exercício de tiro do que propriamente de caça. Aliás, Rui Cascão salienta essa actividade, na modalidade de tiro, quando se refere ao torneio de tiro aos pombos realizado na Figueira da Foz, em 1909. [Cf. Autor cit., *As novas Sociabilidades*, Coimbra, (em publicação)].

ano estava filiada na *Federação de Tiro Nacional*<sup>92</sup>. Alcançaram grande notoriedade nos campeonatos locais, regionais e nacional o Capitão José dos Santos Ferreira Junior, Tenente-Coronel Artur José dos Santos e o Tenente Lopes Abegão que, em 1928, alcançou três dos cinco títulos disputados nos campeonatos regionais das Beiras<sup>93</sup>.

A **secção de Náutica**, cuja modalidade mais praticada será o **remo**, encontra-se igualmente constituída em Dezembro de 1897 tendo como dirigentes Manuel Gonçalves Santiago, Júlio Gonçalves Mendes, João José da Silva e Costa, Manuel Gaspar de Lemos e António Wittnich Carriço.

Diz-nos J. Sousa Cardoso que as competições de remo na Figueira da Foz foram antecedidas pela *canotagem*, consistindo esta em passeios náuticos, pescarias e proezas de resistência física<sup>94</sup>. De facto, as primeiras referências que encontramos a esta modalidade no *Ginásio* dizem respeito aos passeios náuticos realizados, por exemplo, logo em Junho de 1896 em que serviu de guia o barco *Tritão*, governado por Manuel Gaspar de Lemos, ao pinhal de Lares. Em Setembro do mesmo ano, ao mesmo local, dedicado à colónia balnear. Neste passeio, em que tomaram parte barcos a vapor, a remo e à vela, foram já efectuadas provas de remo em escaleres a quatro remos, disputadas entre o *Tritão* e o *Nereide* (pertencentes à *Naval*), vencendo este último. Entre os botes (uma segunda prova) *Ester* e *Pardal*, a vitória coube ao último<sup>95</sup>. Saliente-se ainda que, nestes mesmos passeios, participavam também desportistas em representação da *Associação Naval 1.º de Maio*.

A primeira regata disputada entre as duas agremiações locais (*Ginásio* e *Naval*) realizou-se pelo S. João (25 de Junho) de 1897. Segundo Augusto Veiga, esta participação do *Ginásio* efectuou-se em barcos emprestados “que pertenciam a entusiastas náuticos, de famílias queridas da Figueira - os Nestórios, os Mendes, os Costas, os Laidleys, etc”<sup>96</sup>, tendo o *Ginásio* vencido a 1.ª, 2.ª, 3.ª e 5.ª corridas.

<sup>92</sup> Fausto de Almeida, “O Tiro”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único (...).

<sup>93</sup> *Idem, ibidem*. Fausto de Almeida, naquele mesmo artigo salienta ainda que entre os anos de 1922 e 1933, “o internacional que em 1923 representou Portugal em S. Sebastian, tenente José Lopes Abegão, conquistou nos doze anos de actividade desportiva [...] mais de 200 prémios”.

<sup>94</sup> J. Sousa Cardoso, *ob., cit.*, p. 33.

<sup>95</sup> *A Bíblia*, fl. 13. Saliente-se ainda que estes *passeios* eram sempre motivo de grande animação, pois a acompanhá-los encontrava-se sempre a *Filarmónica 10 de Agosto* ou a *Filarmónica Figueirense*, aliás, estas duas filarmónicas da terra estavam praticamente sempre presentes em qualquer evento que o *Ginásio* organizasse.

<sup>96</sup> Augusto Veiga, “O Remo”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único (...). Esta mesma ideia é-nos igualmente transmitida por um periodista do Boletim *Vai D'Arrinca*: “Em 1897, mais exactamente em 25 de Junho disputa-se a primeira regata, correndo o Ginásio em barco emprestado, certamente propriedade dos seus sócios, ‘irmãos Mendes’, Laidleys e Cooks”. (“Remo”, *Vai D'Arrinca*, 8.º ano, IV série, n.º 6-7-8, Dezembro de 1990, p. 7).

Embora aquela prova tenha despertado grande entusiasmo só voltaremos a ouvir falar desta secção quando, em 1904 (Setembro), o *Ginásio* promover nova regata. Na primeira corrida desta regata, o *Nereide* foi tripulado por sócios do *Ginásio* e o *Tritão* por sócios da *Naval*. Desta vez, foram estes últimos os vencedores.

Finalmente, em Abril de 1905, abrem-se as inscrições para a “escola de remos”<sup>97</sup> e em Maio desse mesmo ano, em Assembleia Geral, foi aprovado o regulamento da respectiva secção. Ainda neste mesmo ano, o clube adquiriu dois *in-riggers* a quatro remos (*Vêga* e *Altair*) com dinheiro emprestado pelo sócio e grande impulsionador da modalidade, Dr. António Rainha (1879-1949). Pouco tempo depois, o clube adquire mais três *out-riggers*<sup>98</sup>. Como escreveu um periodista do *Vai D’Arrinca* a partir desta data, “Com estes barcos, com a sede no Teatro Príncipe, o rio e, debaixo da orientação técnica do Dr. António Rainha e Augusto de Oliveira, desenvolve-se a prática do remo no Ginásio”<sup>99</sup>.

Sucederam-se então as regatas. Os dois clubes locais (*Ginásio* e *Naval*) instituem dois prémios que ficarão célebres na história do remo: a *Taça Mondego* oferecida pelo Dr. Rainha ao *Ginásio*, em 1908, “para ser disputada em *in-riggers* de 4 remos na distância de uma milha, por todas as tripulações nacionais existentes e, no rio Mondego” e a *Taça Alzira* oferecida à *Associação Naval* por Francisco Bento Pinto, em 1911, para ser disputada no mesmo tipo de barcos e na mesma distância “no Mondego entre o Ginásio e a Naval, seria o Campeonato Regional do Centro”<sup>100</sup>.

Foi, especialmente, aquela última *Taça* que levou ao exacerbar de tensões entre os associados destes dois clubes, como escreveu Severo Biscaia: “A disputa da *Taça Alzira* [...] constituía um alvoroço e assunto de todas as conversas. Faziam-se apostas e o ambiente era escaldante, principalmente se algum dos contendores

<sup>97</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 1 362, 1 de Abril de 1905, [p.2]. Neste mesmo artigo, afirma-se que esta secção foi inaugurada apenas em 1904 com a regata realizada a 11 de Setembro desse mesmo ano.

<sup>98</sup> O *Out-rigger* foi um tipo de barco em que o remo assentava fora do barco. Foi inventado por Claper, de Oxford, no ano de 1845.

<sup>99</sup> “O remo”, *Vai D’Arrinca*, 8.º ano, IV série, n.º 6-7-8, Dezembro de 1990, p. 7

<sup>100</sup> *Idem, ibidem*.

já tinha duas vitórias seguidas, pois a taça pertenceria definitivamente ao clube que vencesse três vezes consecutivas. Atiravam-se pedras de cima da ponte à passagem das embarcações e ouviam-se insultos mútuos, pois «os do Ginásio eram *finitos* que só comiam bifés e bebiam água das pedras» e «os da Naval uma data de carroceiros que se alimentavam a vinho tinto e sardinha»<sup>101</sup>. No entanto, em tempos de crise, como foi o caso do incêndio do *Teatro Príncipe*, as duas colectividades rivais estabeleciam tréguas e auxiliavam-se mutuamente.

Mas, se a *Taça Alzira* se revestiu daquela importância, também a *Taça Mondego*, disputada anualmente, trouxe à Figueira, entre outros clubes, a *Real Associação Naval de Lisboa* “de que faziam parte os melhores «rowers» portugueses, e por vezes, alemães e ingleses residentes na capital”<sup>102</sup>. Foi este clube que, segundo Pedro Augusto Ferreira, em 1915, na regata de 8 de Setembro ganhou a referida taça<sup>103</sup>.

Ainda no âmbito dos desportos náuticos, também a **natação** foi praticada pelos ginastas. Foi no ano de 1904 que, pela primeira vez, se pensou em criar essa secção. Conquanto desta data não tenhamos mais notícias, certo é que, em 1908, já encontramos o Ginásio a participar em provas daquela natureza.

Diz-nos um periodista do *Vai D'Arrinca* que as provas de natação em que o *Ginásio* participava, naquela época, eram realizadas no Rio Mondego, “intervalando as provas de Remo”<sup>104</sup>. Nadava-se de bruços ou fiusa e as provas eram disputadas por equipas de cinco nadadores em percursos de 100, 200 e 500 metros.

Quer-nos parecer que a prática daquela modalidade, no período por nós estudado, nunca foi muito assídua, uma vez que só era possível nadar no rio (onde se aprendia e se realizavam as provas) durante o Verão. Além do mais, esta era encarada como forma de se arranjar “endurance” para a prática das outras modalidades. Uma outra explicação que encontramos para a fraca representatividade desta modalidade é-nos dada por Augusto Veiga que aponta o *crawl* como o principal obstáculo. Era este o estilo da moda e, a sua aprendizagem, requeria “águas paradas” para uma perfeita aprendizagem e coordenação de movimentos. Como a Figueira não possuía uma piscina viu

<sup>101</sup> Severo Biscaia, “A Taça Alzira”, *Vai D'Arrinca*, ano I, n.º 3, Março de 1963, p. 10. Saliente-se a propósito que, no ano de 1913, foi o *Ginásio* vencedor desta taça.

<sup>102</sup> Augusto Veiga, “O Remo”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único, (...).

<sup>103</sup> Pedro Augusto Ferreira, “História ...”, Boletim cit., *supra*, p. 6. À semelhança da *Taça Alzira*, também a *Taça Mondego* ficaria na posse do clube que vencesse a regata durante três anos consecutivos.

<sup>104</sup> “Natação – sua história de 1908 a 1964”, *Vai D'Arrinca*, IV série, n.º 4, Dezembro de 1989.

“decrecer de ano para ano o número dos seus nadadores”<sup>105</sup>.

Já nos finais do período a que dedicamos o nosso estudo, 1914, surge uma outra modalidade náutica no *Ginásio*, a **vela**. Os seus primeiros instrutores foram Augusto de Oliveira e Abílio Águas, este último havia cedido ao clube um pequeno barco - *Sport* - onde se fizeram as primeiras aprendizagens. Diz-nos J. Andrade que uma das razões que se prendem com o seu tardio aparecimento se deve ao facto de a vela não ser um desporto popular, “um desporto que arrebate multidões, fazendo-as vibrar de entusiasmo delirante, umas vezes tão belo outras vezes tão estúpido”<sup>106</sup>. Se a sua introdução foi tardia o seu começo também não foi muito auspicioso. A Primeira Grande Guerra surgiu provocando um interregno que durará até 1919 aquando da realização da primeira regata entre *centers*, ganha pelo Ginásio e cujo patrão foi José Pestana Simões.

Um pouco à semelhança da secção náutica, também a secção de **Futebol** se encontrava criada em 1897. Aliás, a designação correcta da secção era: “*Lawn Tennis, Foot-Ball, Criquet* e outros jogos” dirigidos por Gualdino Guimarães, Joaquim Wittnich Carriço e José Carlos da Silva Pinto<sup>107</sup>.

Do *lawn tennis* e do *criquet* não encontramos vestígios da sua prática no *Ginásio*, no que aos outros jogos diz respeito, apenas encontramos referências à prática da **patinagem** aquando dos saraus ginásticos e do **jogo do pau**. Este último, no dizer de J. Andrade, divulgou-se no clube por volta de 1906-1907, tendo como instrutor Albano Cabral de Moura. Contudo, os vestígios desta modalidade, ligada aos jogos tradicionais portugueses, são bastante pobres. Os únicos factos dignos de nota, segundo o autor acima citado, eram as aulas “que ficaram na recordação dos seus alunos, pelo arrojo e violências empregues [...], podendo mesmo, alguns, classificar-se de casos sérios”<sup>108</sup>.

<sup>105</sup> Augusto Veiga, “A Natação”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único, (...).

<sup>106</sup> J. Andrade, “A Vela”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único, (...).

<sup>107</sup> *A Bíblia*, fl. 30.

<sup>108</sup> J. Andrade, “O jogo do pau”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único, (...). Este mesmo periodista salienta ainda que os principais intérpretes desta modalidade eram: Costa Pinto, Humberto Mendes, José Ataíde, Albano Moreira e Severo Biscaia.

Foi, no entanto, o **Futebol** a modalidade que, a par do remo, mais sucesso alcançou após 1907. O primeiro treino realizou-se no campo da Murraceira, alugado pelo Ginásio para a prática desta modalidade até ao ano de 1922.

À semelhança dos outros desportos também aquele “tinha por base o rejuvenescimento da raça decadente” e era mesmo considerado o “*sport*, que se impôs no nosso meio como o de mais fácil cultivo e o de resultados mais rápidos e eficazes para o desenvolvimento físico”<sup>109</sup>. Importado de Inglaterra por “alguns rapazes portugueses viajados”, difundiu-se a partir da capital onde, em 1893-1894, existiam já cerca de 10 grupos a praticar futebol<sup>110</sup>.

Segundo o redactor de *A Bíblia* foi logo em 1895 (Abril) que “alguns sócios do C. G. V. organizaram ultimamente uma troupe de Foot-ball”<sup>111</sup>. Ignoramos a actividade desta *troupe* e, desta modalidade, apenas voltamos a ter referências concretas em 1904, aquando de um passeio velocipedico a Santa Olaia em que, a par da música e da dança, também se “jogou foot-ball”. A partir desta época tornou-se comum a sua prática entre os ginasistas que “ensaiavam pontapés no Largo ao lado do Teatro Príncipe”<sup>112</sup> incentivados pelo Dr. António Rainha (considerado o “pai” do futebol figueirense), que havia sido um dos primeiros estudantes em Coimbra a praticar esta modalidade.

Contudo, foi só a partir de 1907, como já afirmamos, que este desporto começa a ser praticado com regularidade “pelo braço vigoroso dos seus dois *sportsmens*, o Dr. Rainha e Augusto Oliveira”<sup>113</sup>. Constituíam o *team*, nesta época, além dos dois desportistas mencionados, os irmãos José Bento e Constantino Pessoa, os irmãos Ramos Pinto, António e João Laidley, Francisco Neves, Mário Baltar, Abílio Águas e Adolfo Rodrigues.

Não tardou a que, na Figueira, outros clubes surgissem a praticar aquela modalidade. Em 1909-1910 surge o *team* da *Associação dos Caixeiros* e, em 1911, os *teams* da *Naval* e do *Sport Grupo Buarcosense* (Buarcos). Foi ainda neste último ano que Chico Bento “ofertou ao Ginásio um Bronze de arte, instituindo um desafio anual entre as equipas da Figueira que se propusessem disputá-lo em *Assotiation*”<sup>114</sup>. De facto, tal viria a acontecer e logo no primeiro *match* para disputa

<sup>109</sup> “Pelo Foot-ball. A sua origem em Portugal”, artigo de Carlos Martins (*Gazeta da Figueira*, 1913), transcrito por Vítor Guerra, *Vai D’Arrinca*, ano I, n.º 5, Maio de 1963, p. 6.

<sup>110</sup> A propósito do futebol e sua difusão, veja-se o trabalho de Rui Cascão, cit. *supra*, nota 91

<sup>111</sup> *A Bíblia*, fl. 4.

<sup>112</sup> Augusto Veiga, “O Futebol”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único, (...).

<sup>113</sup> Artigo de Carlos Martins publicado na *Gazeta da Figueira*, em 1913, e transcrito por Vítor Guerra, “Pelo Foot-ball – A sua origem em Portugal”, *Vai D’Arrinca*, ano I, n.º 5, Maio de 1963, p. 6.

<sup>114</sup> Vítor Guerra, art. cit., boletim cit., ano I, n.º 6, Junho de 1963, p. 11.

do “Bronze Chico Bento” (como então ficou conhecido), em 1912, entre os dois clubes rivais (*Ginásio* e *Naval*), sairia vencedor o *Ginásio* com o resultado de 2-0. Da equipe vencedora faziam parte: Francisco Neves, Miguel Gaspar, Benjamim Jardim, Arménio Salvador, Costa, Américo Assunção, José Alves, Carlos Martins, Manuel de Sousa, A. Veiga e Alberto Salvador. Aquele troféu ficaria na posse do *Ginásio* até ao pavoroso incêndio deflagrado na noite de Carnaval de 1914.

Mas a prática do futebol no Ginásio não se esgotava nos desafios efectuados com as equipas locais; logo em 1910 teve como adversário o *Strong Foot-ball*, vindo de Coimbra e cujo resultado foi de 2-0 a favor deste último; em 1911, o *Luso Foot-ball* também de Coimbra veio, igualmente, vencer o Ginásio por 5-0. No entanto, não foi só com Coimbra (cuja superioridade técnica era evidente) que o *Ginásio* se defrontava, outros clubes como por exemplo de Aveiro, Viseu e Tomar visitaram e foram visitados pelo *eleven* do *Ginásio Club Figueirense*, contribuindo assim para a divulgação de um desporto que, inicialmente praticado pelas elites, entrará, a partir desta época, na sua fase de democratização<sup>115</sup>.

## 1.2 As secções culturais

“Não se dirá – pelo menos com verdade – que os «homens do desporto» cuidam exclusivamente do desenvolvimento físico. O Ginásio é bem uma prova evidente do contrário”<sup>116</sup>. No período por nós estudado, também a cultura do espírito mereceu a atenção dos ginastas como são prova a criação da **secção dramática** e da **secção musical**.

Devemos registar que foram factores de ordem económica que estiveram na base da criação da primeira daquelas secções. Recordemos que em 1894 num espectáculo (*sarau dramático-ginástico*), de angariação de fundos para a criação do Clube, a que já fizemos referência, a receita foi de 93 000 réis<sup>117</sup>. Não admira, por isso, que aquando da realização de um outro sarau dramático, em 1896, quinze dias após a mudança para o *Teatro Príncipe*, tenha sido criada a respectiva secção. Como sublinhou Pedro Augusto Ferreira: “Vendo-se que êsses

<sup>115</sup> Alain Corbin faz coincidir os anos de 1880-1906 como a fase de implantação do futebol e os anos de 1918-1932 como o período da sua democratização. (Cf. autor cit., *L'Avènement des Loisirs*, p. 226.

<sup>116</sup> “A vida cultural do Gimnasio”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único, (...).

<sup>117</sup> Veja-se o Anexo II onde consta o programa do *sarau dramático-ginástico*, supra mencionado.

espectáculos, além de ser um divertimento de agrado dos sócios, podia ser também uma fonte de receita, organizou-se a secção dramática que tanto fez progredir o Club”<sup>118</sup>. Receitas essas, provenientes não só do aumento do número de sócios que esta secção proporcionou, como também da própria bilheteira. A título de exemplo refira-se que em 1905, por exemplo, os preços praticados nos saraus públicos realizados pelo *Ginásio* eram de 2\$500 (frente) e 2\$250 (lado) nos camarotes de 1.<sup>a</sup>, 2\$000 (frente) e 1\$800 (lado) nos camarotes de 2.<sup>a</sup>, 600 réis nos fauteils, 400 réis nas cadeiras, 300 réis na superior, 200 réis na geral e 120 réis nas galerias, tendo os sócios “direito ao abatimento de 10 por cento”<sup>119</sup>. Graças sobretudo a estas receitas e a outras provenientes do aluguer da sala de espectáculos do teatro, durante a época balnear, foi possível ao *Ginásio* adquirir as acções da Empresa construtora do “edifício arrendado” como sublinhou Maurício Pinto<sup>120</sup>.

Se o factor económico teve peso na origem desta secção, também é verdade que outros factores contribuíram para o seu sucesso. Não esqueçamos que, aquando do contrato de arrendamento do Teatro, uma das cláusulas consistia na manutenção da companhia já existente e, embora não tenhamos encontrado nenhuma referência a estes actores, pressupomos que a sua experiência na arte de representar tenha constituído um valioso contributo. Contudo, o factor mais determinante terá sido a *fésta*. Entenda-se aqui por *fésta* não só a necessidade de proporcionar aos sócios e seus familiares distrações condicentes com a sua categoria social, mas também a *fésta* no sentido de comemoração (especialmente nos aniversários do clube); da partilha e do altruísmo “porque se oferecem, oferecendo os seus espectáculos, a quem precisa”; da cultura “porque enriquecem-se, enriquecendo a cultura da cidade”<sup>121</sup>. O Teatro enquadrava-se

<sup>118</sup> Pedro Augusto Ferreira, “História (...)” boletim cit., p. 5.

<sup>119</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 1 370, 29 de Abril de 1905, p. 3.

<sup>120</sup> Maurício Pinto, “A acção do Teatro na vida do Ginásio”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único, (...). Sublinhe-se a propósito do aluguer do Teatro que o mesmo incidia apenas sobre a sala de espectáculos uma vez que “na epocha balnear a classe de gymnastica é muito pouco frequentada, não merecendo o sacrificio de se pagar um professor, resolvemos alugar a sala de espectáculos a qualquer companhia ou empresa [...]”. Logo em 1896 o teatro foi alugado durante os meses de Agosto e Setembro, a um empresário de Coimbra. Essa receita ascendeu a 75\$290. (Cf. *Gymnasio-Club Figueirense. Gerência de 1896-97. Relatório da Direcção e Parecer da Comissão Revisora de Contas*, Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1897, p. 9 e 12 respectivamente.

<sup>121</sup> “Secção dramática. Sócios, escritores e músicos, representados por sócios artistas”, *Vai D’Arrinca*, IV série, n.º 4, Dezembro de 1989, p. 3.



perfeitamente nestas vertentes ou não fosse ele um espectáculo já com largas tradições na Figueira<sup>122</sup>.

À frente desta secção estavam, em 1897, António Pereira Correia, António Rodrigues de Oliveira Paz e Joaquim Esteves Pereira. Todos os actores que faziam parte desta secção eram amadores e igualmente sócios do clube. De entre os mais aplaudidos salientem-se os fundadores do clube: António Paz, Pedro Augusto Ferreira e António Pereira Correia, chefe de repartição da Companhia de Caminhos de Ferro da Beira Alta e que, além de “ensaiador” e actor, foi autor, entre outras, de *Os Vidinhas* e *O casamento da Vásca*<sup>123</sup>. Também foram actores notáveis: João da Encarnação Júnior, “que muitos comparavam a João Rosa, pela sua figura insinuante e dicção perfeita”, e Luiz Dias Guilhermino, filho do famoso actor Dias, que “interpretava correctamente os papéis mais difíceis”<sup>124</sup>. A par destes, contam-se em número de 20, outros sócios do clube (fundadores ou não) que participaram como “cooperadores, desempenhado com agrado os vários papéis que lhes distribuíram”, tendo-se destacado Augusto de Barros, A. Vieira de Andrade, Adolfo Rodrigues, Albano Custódio (tio), Jaime Dias, Gualdino Guimarães e Constantino Pessoa entre tantos outros<sup>125</sup>. Curiosamente, entre tantos actores (amadores) apenas uma actriz figura, de forma bem vincada, nestas representações do *Ginásio*. Trata-se de Emília Rodrigues Guilhermino (1872-?) esposa de Luiz Dias Guilhermino, amadora notável que começou a representar na Companhia do Teatro Circo Saraiva de Carvalho tendo-se estreado na peça *O 99 da Linha* com apenas 12 anos de idade. Presente em todos os espectáculos do *Ginásio* (desde 1894), actuou em 112 peças (dramas, comédias, operetas e zarzuelas) levadas a cabo por esta colectividade até ao ano de 1928 (o seu último espectáculo foi precisamente no dia 20 de Fevereiro desse ano)<sup>126</sup>.

Durante o período de 1896, data de início da referida secção, a 1914, data do incêndio do *Teatro Príncipe*, o *Ginásio* realizou 71 saraus dramáticos ou

<sup>122</sup> Sobre este assunto, veja-se o trabalho de Rui Cascão, “O Teatro na Figueira da Foz (1860-1884)”, separata da revista *Munda*, n.º 6, Coimbra, 1983.

<sup>123</sup> Veja-se, a propósito, o Anexo III.

<sup>124</sup> Maurício Pinto, “A acção do Teatro na vida do Ginásio”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único, (...).

<sup>125</sup> Veja-se a relação completa dos sócios actores no artigo cit., *supra*.

<sup>126</sup> Sobre Emília Rodrigues veja-se, por exemplo, o artigo cit., *supra*, nota 124, e o *Álbum Figueirense*, ano I, 1934-1935, Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1935, pp. 180-182.

dramático-ginásticos onde foram representadas 65 peças<sup>127</sup>. Saliente-se que estes números dizem apenas respeito aos espectáculos encenados e representados no *Teatro Príncipe* pela companhia de amadores (sócios do clube) da respectiva secção<sup>128</sup>.

Aquela intensa actividade dramática tinha um calendário próprio. Observando o anexo III do presente trabalho facilmente constatamos que as épocas privilegiadas eram sobretudo o aniversário do clube (1 de Janeiro) e o Carnaval. Esporadicamente surgiam espectáculos pela Páscoa, pelo S. João e durante o mês de Dezembro. A média anual era de cerca de quatro espectáculos registando-se o menor número em 1902 com apenas um e, o máximo, em 1897, em que se realizaram nove espectáculos<sup>129</sup>.

De entre as 65 peças representadas durante o período em estudo, interessa-nos agora saber qual era o género teatral mais apreciado. Assim, e tendo por base o anexo III, elaboramos o quadro seguinte:

Género	N.º de peças	%	N.º de espectáculos
Comédias	47	72,3 %	54
Operetas	13	20 %	28
Zarzuelas	2	3,1 %	13
Farsas	2	3,1 %	3
Revista	1	1,5 %	2
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100,0</b>	<b>100</b>

<sup>127</sup> Veja-se o Anexo III – Peças representadas pelo Ginásio Clube Figueirense (1896-1914). No número de peças contabilizadas não incluímos as *cançonetas*, os *monólogos*, a *cena cómica*, e os *entre-actos cómicos* que referenciamos no Anexo.

<sup>128</sup> Durante o período por nós estudado, outras companhias actuaram no Teatro Príncipe, como por exemplo a Companhia do D. Maria (Lisboa), que apresentou um sarau com a peça: *Surpresas do Divórcio*, dedicado ao Ginásio, em 1896; em 1897, também a Companhia de Lucinda Simões, a convite da direcção do Clube, aqui representou três espectáculos.

<sup>129</sup> A razão pela qual, em 1902, o Ginásio apenas apresentou um espectáculo (em 13 de Abril) prende-se com o facto de, logo no início desse ano, ter falecido o pai da actriz principal, D. Emilia Rodrigues Guilhermino. (*A Bíblia*, fl. 55).

Como podemos observar, foram as comédias o género teatral mais apreciado, representando 72,3 % do total das peças representadas. Como sabemos, este género é aquele que mais põem em evidência “os caracteres, os costumes ou os factos da vida social que mais se prestam à crítica, ao gracejo ou ao ridículo”, como diz Sousa Bastos. Ora, as comédias, pese embora o seu carácter pedagógico e moralizador (que o têm), permitem o riso fácil e a boa disposição, constituindo assim um género teatral de sucesso que seguramente agradaria a todos os sócios.

Embora bastante distanciadas das comédias, surgem as operetas (20 % das peças representadas), espectáculos musicados, ou melhor, uma forma de “representação com música”, como esclarece Luiz Rebello que, à semelhança da comédia, também é susceptível de provocar o riso e a distração sem enfado<sup>130</sup>.

Apenas representando 3,1 % do total das peças, surgem-nos as zarzuelas e as farsas. Estas últimas foram de longe o género menos cultivado; quanto às zarzuelas apraz-nos referir que, embora só tenham sido registadas duas zarzuelas foram, no entanto, representadas em treze espectáculos (*A Cabra Cega* em sete espectáculos e *Simão Simões e C.<sup>a</sup>* em seis espectáculos) o que, de certa forma, expressa o sucesso deste género de carácter alegre e vivo que, à semelhança da opereta, comporta a “representação com música”. Muito provavelmente o escasso número de peças ficou a dever-se ao facto de este género ser “exclusivamente hespanhol [...] e porque a maioria d’ellas é intraduzível e ainda mais irrepresentável pelos nossos artistas de feição muito diversa da hespanhola.”<sup>131</sup>.

Também a revista marcou a sua presença. Embora só tenha contribuído com uma peça, foi, no entanto, apresentada em dois espectáculos. Género de carácter humorístico e crítico que incide sobre a actualidade/realidade, à semelhança dos anteriores, possui uma componente musical e lúdica bastante vincada, teve a sua origem em França e foi introduzida em Portugal apenas nos meados do século XIX<sup>132</sup>.

<sup>130</sup> Luiz Francisco Rebello esclarece que uma das diferenças entre aquele género e a ópera consiste no facto de esta ser uma “representação por música” e aquela, uma “representação com música” que, em Portugal, tem antecedentes em Gil Vicente. (Cf. autor cit., *História do Teatro*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991, p. 104.

<sup>131</sup> Sousa Bastos, “Zarzuela”, *Dicionário do Teatro Português*, Coimbra, Minerva, (ed. fac-similada), 1994.

<sup>132</sup> Luiz Francisco Rebello sublinha que aquela, embora constitua um “fenómeno sociocultural mais do que verdadeiramente literário”, ela alcançou desde logo grande sucesso ocupando “um lugar de eleição no quadro do espectáculo teatral português”. (Cf. autor cit., *ob. cit.*, p. 106).

Basicamente, todas as peças representadas eram originais ou imitações de autores portugueses. Cabe aqui destacar que cerca de 11% daquelas foram da autoria dos sócios do *Ginásio*, nomeadamente: *A Mariquitas* (opereta em um acto) de M. Barreto e Luiz Dias Guilhermino, com música do maestro Ribeiro do Couto (regente da *Filarmónica 10 de Agosto*); *Os Vidinhas* (opereta em três actos), da autoria de António Pereira Correia e música do mesmo maestro; *Um Infanticídio* (comédia em um acto) de Pereira Rodrigues; *O casamento da Vásca* e a continuação da saga com *As inconstâncias da Vásca*, da autoria de António Pereira Correia (registre-se que, estas foram as duas únicas farsas representadas em três espectáculos, durante o período por nós estudado); *O Barão D' Antanholes* (opereta em três actos), do mesmo autor e a única revista representada, *Tem graça... por não ter graça*, da autoria de Maurício Pinto.

Embora constituída de forma independente da anterior, a **secção musical** terá também contribuído para o sucesso da própria secção dramática, uma vez que muitas das peças representadas tinham uma importante componente musical. Cremos que, em parte, terá sido com essa finalidade que, em 14 de Fevereiro de 1898, foi criada “uma aula de música, sob a direcção de Ribeiro do Couto, regente da 10 d’Agosto”<sup>133</sup>. As referidas aulas tiveram lugar todas as segundas e sextas-feiras, às dezanove e às vinte e uma horas, respectivamente, para a classe infantil e para adultos. A quota correspondente a esta frequência era de 30 réis.

Das poucas informações que nos foram possíveis obter, nas fontes por nós consultadas, relativamente a esta secção, as mais importantes dizem respeito à existência de uma orquestra (necessária também à secção dramática), de um “grupo musical” e de uma tuna. Pensamos que estes últimos terão sido criados logo no início do nosso século, uma vez que as primeiras referências que encontramos datam de 1905. Tal facto é evidenciado pelos saraus dramático-musicais que nos surgem pela primeira vez (2 espectáculos) bem como um sarau ginástico-musical realizado no dia 29 de Março do referido ano<sup>134</sup>.

O programa daquele sarau, publicitado na *Gazeta da Figueira*, e no qual participou a tuna, constava de *Constantinopolisador*, *passa calle* de Ribeiro do Couto; *Rapsodia*, coordenada pelo mesmo maestro e em conjunto com a orquestra apresentara ainda *Marcha do Rei da Madureza*<sup>135</sup>. Entre outras actividades que a

<sup>133</sup> *A Biblia*, (...), fl. 33.

<sup>134</sup> *Idem*, fls. 78-79.

<sup>135</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 1 360, 25 de Março de 1905, p. 2. Sublinhe-se que, praticamente, todos os espectáculos levados a cabo pelo *Ginásio* eram publicados / publicitados neste jornal.

secção musical levou a cabo, apraz-nos aqui salientar mais uma que nos parece bastante curiosa, foi a realização em 1902 “de um serenata de ciclistas montados em «tanders» com vistosos balões à veneziana [...] e, os ciclistas detrás, tocando violões!”<sup>136</sup>.

A par de toda a actividade desportiva e cultural que o *Ginásio* promoveu e levou a cabo, não queremos terminar esta breve incursão pela vida desta colectividade sem fazer referência à sua faceta benemérita e filantrópica. Ao longo das leituras que efectuamos e, especialmente, através da *Bíblia do clube*, constatamos que estas acções demonstraram uma preocupação social do *Ginásio*. Assim, salientem-se entre muitas, o budo aos pobres que, anualmente e desde 1897, era distribuído, por altura do aniversário do clube, em sessão solene acompanhada das filarmónicas *Figueirense* e *10 D'Agosto*. Em benefício desta última foi, igualmente, realizado um sarau em 1899. Mas, também a “Obra da Figueira” (1897), o Montepio (1898), os próprios contínuos do *Ginásio* (1903): Joaquim Gomes, José Monteiro e José Sebastião e as vítimas do naufrágio, ocorrido em 1907, na costa de Lavos, entre muitos outros, foram agraciados com espectáculos que reverteram a seu favor.

Porque a filantropia é uma prática nascida no seio da burguesia, e este clube que, “aglomera pessoas das mais diversas ideologias dentro dum tipo social, média – alta burguesia”<sup>137</sup>, não podia ficar imune a uma das práticas que mais distinguia aquele grupo no seio da sociedade de então.

<sup>136</sup> “A vida cultural do Ginásio”, *Gymnasio Club Figueirense*, n.º único (...). Note-se que neste artigo a data apontada é a de 1905, ao contrário de *A Bíblia* (fl.65) que aponta aquela actividade da secção musical como tendo sido realizada em 1902.

<sup>137</sup> “Secção Dramática”. “Sócios, escritores e músicos, representados por sócios artistas”, *Vai D'Arrinca*, IV série, n.º 4, Dezembro de 1989, p. 3.

## CONCLUSÃO

O *Ginásio Clube Figueirense*, associação de carácter desportivo, recreativo e cultural, instituído oficialmente em 1895, teve a sua origem numa época de conjuntura económica pouco favorável que se estendia a todo o país. Na Figueira da Foz, este foi um período em que se registou o aparecimento de um elevado número de associações daquela natureza, conforme tivemos oportunidade de registar.

Embora não dispondo de bases documentais precisas que possam explicar aquele facto, pensamos, não fugir muito à verdade, ao afirmar que dois factores devem ter tido influência determinante. O primeiro prende-se com a propaganda política da época que valorizava a prática desportiva e o segundo, ao carácter turístico da cidade que é sempre um factor responsável pela introdução de novas correntes de pensamento e de novas formas de sociabilidade.

Podemos afirmar que as raízes do *Ginásio* são de carácter desportivo. Foram eventos, de certa forma isolados, como as provas velocipédicas que inicialmente constituíram a alma do clube que se iria formar com a designação de *Club Gymnastico Velocipédico Figueirense*. Estas provas que, desde o início, se faziam acompanhar por uma assistência numerosa e interessada, foram reveladoras da sensibilidade e das preferências da população que as associações desta natureza devem ter em conta nas suas finalidades e objectivos.

Mas, cada região, tem características geográficas e naturais próprias que, no campo do desporto, propiciam disciplinas particulares. A Figueira, ligada ao rio e ao mar não poderia fugir a estas influências. Foi assim que, após a época áurea do velocipedismo, intimamente ligado às vitórias de José Bento Pessoa, o remo virá, mais tarde, assumir a sua preponderância neste clube. A sua prática adquiriu ainda um maior desenvolvimento em resultado do confronto com a associação rival (*Naval 1.º de Maio*) que, igualmente, tinha no remo a sua disciplina de referência.

Àquela rivalidade não foi estranho um sentimento bairrista que os ginasistas sempre cultivaram, fortalecido pelos diferentes tipos sociais que caracterizavam as duas colectividades.

Ainda no campo desportivo, o futebol alcançou um sucesso comparável ao do remo. Esta modalidade desportiva, de importação recente e de prática colectiva, após um período algo obscuro, ter-se-á depois imposto com facilidade pela sua exigência atlética e pela emotividade que permanentemente provoca na assistência.

Nas actividades culturais o realce recai sobre a secção dramática. Como pudemos constatar, quer pelos géneros representados, quer pelo número de vezes que os mesmos foram levados à cena, predominou nesta secção o tipo de espectáculo (a comédia e a opereta) que mais facilmente agradava e que pela certa, constituiria sucesso de bilheteira dando azo a que a *festa* de facto acontecesse. Foi por esta razão, provavelmente, que aqui não foram privilegiadas representações teatrais de carácter mais erudito (como o drama e a ópera, por exemplo) que não eram garantia de grandes audiências.

Na secção musical, pensamos que não houve uma identidade própria, antes surgiu como mera componente associada à anterior actividade teatral. Com esta finalidade atestamos a existência de uma orquestra, de um grupo musical e de uma tuna que para além das suas actuações em saraus, participava, conjuntamente com o teatro, em realizações de carácter social, enquadradas numa acção de filantropia, tão característica da burguesia, que esta associação representava.

Como referência final, queremos salientar o marco fundamental que representou a transferência ocorrida da sua primeira sede para o edifício do *Teatro Príncipe*. Foi a maior amplitude e as características desta nova sede que permitiram ao Ginásio crescer e desenvolver-se nos seus objectivos desportivos e culturais.

# **ANEXOS**



# ANEXO I

**Fonte:** Arquivo Histórico do GCF (a anotação manual é da autoria de Pedro Augusto Ferreira).

**Gymnasio-Club Figueirense**  
Estabelecido em 18 de Fevereiro de 1914  
Recitas para Socios e Ex. Famílias  
DOMINGO, 22  
1.ª PARTE  
A opereta em 2 actos  
**Marcha de Cadiz**  
Personagens:  
Clara  
Liliana  
Dora  
Regina  
Therese  
Priscilla  
Richard  
Suzanna  
Eugenia  
Paula  
Mabel  
1.ª criada  
2.ª "

Dr. Emilio Rodriguez  
D. Francisco Correira  
J. Costa Pinto  
J. Francisco Junior  
Luis Antunes  
Al. Ferreira Pereira  
Adolpho Aguiar  
Carolina  
Marta Costa  
Francisco Pires  
Jose Raymundo  
Antonio Veiga  
A. Vasco Gilho  
J. Neves Buzano

Cartas Tambor de guerra

2.ª PARTE  
A opereta em 1 acto  
**QUE MENINOS**  
TERÇA-FEIRA, 24  
1.ª PARTE  
A opereta em 1 acto  
**Marcha de Cadiz**  
2.ª PARTE  
A opereta em 1 acto  
**O BIBI**  
2.ª edição de Terça-feira, 24 de Fevereiro de 1914

LEGADO DE PEDRO AUGUSTO FERREIRA  
O. C. I.

*Terça-feira 24 de Fevereiro de 1914  
Hoje e amanhã depois de lermos a  
recita, declaramos em unânime que  
na sessão de 24 de Fevereiro de 1914  
na Club Figueirense.*

## ANEXO II

# PEÇAS REPRESENTADAS PELO GINÁSIO CLUBE FIGUEIRENSE (1895-1914)

Fonte: Arquivo Histórico do GCF.



## ANEXO III

**Fonte:** *A Bíblia, relato da vida do Clube*, [s.n.], de 16 de Abril de 1894 a 1 de Janeiro de 1926, fl.1 a 149.

Nota: Os actores que constam neste anexo dizem respeito à data de estreia da respectiva peça. (a primeira data apontada).

PEÇA	GÉNERO	ACTORES	AUTOR	DATAS DE REPRESENTAÇÃO
<i>Que Amigos...</i>	Comédia em um acto	Pedro Ferreira, Augusto de Barros, Joaquim Costa Pinto, Jaime Dias ( <i>em estreia</i> ), Luiz Guilhermino, Emília Rodrigues.		14.07.1896
<i>A Costureira</i>	Comédia	Luiz Guilhermino, Joaquim Costa Pinto, Emília Rodrigues.		14.07.1896
<i>O Pão Fresco</i>	Cançoneta	Luiz Guilhermino		14.07.1896
<i>Sorte ou Azar</i>	Opereta em um acto	Emília Rodrigues, Luiz Guilhermino, A. Vieira de Andrade.		01.11.1896
<i>Amor tudo Vence</i>	Comédia em um acto	Luiz Guilhermino, António Paz, Pereira Correia, Emília Rodrigues.		01.11.1896; 02.03.1897
<i>Três ao Chiado</i>	Cançoneta	Pedro Ferreira		01.11.1896
<i>A Morte de Dido</i>	Monólogo	Luiz Guilhermino		01.11.1896; 28.02.1897; 29.01.1899
<i>A Cabra Cega</i>	Zarzuela em dois actos	Emília Rodrigues, António Paz, A. Pereira Correia, Augusto de Barros, Luiz Guilhermino.		25.12.1896; 06.01.1897; 03.02.1897; 01.01.1907; 13.03.1907; 02.02.1913; 04.02.1913
<i>Simão Simões &amp; C.<sup>ª</sup></i>	Zarzuela em um acto	Emília Rodrigues, Luiz Guilhermino, A. Pereira Correia, Pedro Ferreira, António Paz		25.12.1896; 06.01.1897; 03.02.1897; 12.02.1899; 01.01.1906; 02.02.1913
<i>Flá Ver a Grã Duquesa</i>	Cena Cómica	António Paz		02.01.1897
<i>O Espirro</i>	Cançoneta	Luiz Guilhermino		02.01.1897
<i>U-lá-lá</i>	Cançoneta	Albertina Penteado		02.01.1897; 03.02.1897

## ANEXO III (cont.)

PEÇA	GÉNERO	ACTORES	AUTOR	DATAS DE REPRESENTAÇÃO
<i>A Mariquitas</i>	Opereta em um acto	Emília Rodrigues, Luiz Guilhermino, Pedro Ferreira, Augusto de Barros, António Paz.	<b>Original dos sócios:</b> M. Barreto e Luiz Dias	06.01.1897; 03.02.1897
<i>O Tio Torquato</i>	Comédia em um acto	Augusto de Barros, Luiz Guilhermino, Emília Rodrigues.	Luiz Dias Guilhermino; Música do Maestro Ribeiro Couto	28.02.1897; 01.01.1899
<i>A Prima Francisca</i>	Entre-acto cómico	Pedro Correia, Luiz Guilhermino.		28.02.1897
<i>A Gata Borracheira</i>	Opereta em um acto	Luiz Guilhermino, Augusto de Barros, António Paz, Emília Rodrigues.		28.02.1897; 02.03.1897; 04.02.1913
<i>Riso e Lágrimas</i>	Comédia em um acto	Pedro Correia, Emília Rodrigues		02.03.1897
<i>Os Návios</i>	Opereta em três actos	Emília Rodrigues, Pereira Correia, António Paz, Jaime Dias, Luiz Guilhermino, Pedro Ferreira, José da Costa, Adriano de Barros, Rocha da Fonseca, Manuel Rocha, Constantino Pessoa, Manuel Fernandes Tomaz, Augusto Coelho, José Cordeiro. (Primeiros espectáculos: actriz convidada: Júlia Moniz, de Lisboa, em 1897 foi a actriz Georgina Pinto que veio fazer o papel de D. Briolanja)	<b>Original de António Pereira Correia e Ribeiro Couto.</b>	22.04.1897 ( <i>estreia exclusiva para sócios</i> ), 24.04.1897; 25.04.1897; 29.07.1897
<i>Os Descuidos</i>	Mondólogo			09.05.1898
	Cançoneta	Luís Penteado		09.05.1898
<i>O Espirito</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, António Paz, Joaquim Carniço		08.12.1898
<i>Maldita Mostarda</i>	Comédia em dois actos	Emília Rodrigues, Pedro Ferreira, Luiz Guilhermino, Galdino Guimarães, António Paz, Manuel Fernandes Tomaz, José Cordeiro de Matos	Imitada por José Romano	08.12.1898; 05.03.1905

### ANEXO III (cont.)

PEÇA	GÉNERO	ACTORES	AUTOR	DATAS DE REPRESENTAÇÃO
<i>Um Infanticídio</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, Luiz Guilhermino, Adriano de Barros	<b>Original de Pereira Rodrigues</b>	01.01.1899; 29.01.1899; 16.02.1904
<i>Diabruras de rapazes</i>	Comédia	<i>Representada pela classe infantil</i> : Joaquim Fialho, Júlio Ferreira Pinto, Albano Custódio, Bartolomeu Dêlho, Fernando Marques Pinto, Luiz Pereira.		29.01.1899
<i>Os Surdos</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, António Paz, M. Fernandes Tomaz, Adriano Barros, A. Coelho, Luiz Guilhermino.		12.02.1899
<i>Médico-Mania</i>	Comédia	Emília Rodrigues, Álvaro Lima, J. Cordeiro de Matos, Pedro Ferreira, António Paz, Luiz Guilhermino.		12.02.1899; 07.01.1900
<i>O Diabo Atrás da Porta</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, Gualdino Guimarães, Álvaro Lima, António paz, Luiz Guilhermino, Augusto Coelho.		13.03.1899
<i>O Tio Padre</i>	Comédia em três actos	Emília Rodrigues, António Paz, Luiz Guilhermino, Pedro Ferreira, Eduardo Rodrigues.		13.03.1899
<i>A Arte de Morrer</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, Luis Dias Guilhermino, Augusto Coelho, António Paz, C. Nestório.		21.05.1899; 01.01.1901 24.02.1903
<i>O Dr. Silvestre</i>	Comédia	Emília Rodrigues, Constantino Pessoa, Luiz Dias Guilhermino, Augusto Coelho.		21.05.1899
<i>A Casa de Babel</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, Pedro Ferreira, Alfredo de Oliveira, M. Fernandes Tomaz.	António Martins dos Santos	07.01.1900; 24.02.1903; 01.01.1905
<i>O Casamento da Vasca</i>	Farsa carnavalesca em três actos	António Paz, Augusto Coelho, Pereira Correia, Pedro Ferreira	<b>Original de António Pereira Correia</b>	25.02.1900 (1913? / 1914?)

### ANEXO III (cont.)

PEÇA	GÉNERO	ACTORES	AUTOR	DATAS DE REPRESENTAÇÃO
<i>Ninguém Diga...</i>	Comédia em dois actos	Sofia Peixoto, António Paz, A. Lima, M. Fernandes Tomaz, J. A. F. dos Santos, Gualdino Guimarães, Pedro Ferreira, A. Custódio, F. Nogueira.	Original de F. Napoleão de Victória	01.01.1901
<i>As Inconstâncias da Vasca</i>	Farsa em três actos e quatro quadros	António Paz, J. Encarnação, Gualdino Guimarães, A. Lima, C. Pessoa, Albano Custódio, M. Fernandes Tomaz, J. F. Santos	<b>Original de Pereira Correia</b>	17.02.1901; 19.02.1901
<i>Dar Corda para se Enforcar</i>				13.04.1902
<i>O Furo Vidas</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, Luiz Guilhermino, J. Correia, Francisco Neves, J. Santos		13.04.1902; 24.02.1903
<i>O Gerro do Caetano</i>	Comédia em três actos	Emília Rodrigues, António Cardoso, J. Gaspar, Luiz Guilhermino, Francisco Neves, J. Cordeiro Pimentel		01.01.1903; 22.02.1903
<i>A Mulher do Conselheiro</i>	Comédia em três actos	Luiz Dias Guilhermino, Emília Rodrigues, António Marques		12.11.1903
<i>Na Boca do Lobo</i>	Comédia em três actos	Luiz Dias Guilhermino, Emília Rodrigues, António Marques		12.11.1903; 12.02.1907
<i>Serenata D'Amor</i>	Cançoneta	Evangelina		12.11.1903
<i>Anjo da Paz</i>	Comédia em dois actos	Ernesto Vieira, S. Brazão, Mendonça de Carvalho, Evangelina, Emília Rodrigues, Luiz Guilhermino, J. Paixão	J. C. dos Santos	01.01.1904
<i>Os Milagres de St.º António</i>	Comédia em um acto	S. Brazão, E. Vieira, M. Fernandes Tomaz, Evangelina, Ernestina Vale, Emília Rodrigues.	F. Napoleão da Victória	01.01.1904
<i>Casar para Morrer</i>	Comédia em um acto	Ernesto Vieira, Luiz Costa, Mendonça de Carvalho, Ernestina Vale, Emília Rodrigues	Imitação de Afonso Gomes	16.02.1904

### ANEXO III (cont.)

PEÇA	GÉNERO	ACTORES	AUTOR	DATAS DE REPRESENTAÇÃO
<i>Deixas-me Copiar?</i>	Cançoneta	Mendonça de Carvalho	Letra de Ernesto Vieira e música de Paulo Santos	16.02.1904
<i>A Condessa de Marsay</i>	Peça em três actos	Emília Rodrigues Luiz Guilhermino, Álvaro Lima, João da Encarnação, Francisco Neves, Adolfo Rodrigues, Fernando M. Pinto, Avelino R. de Sousa		01.01.1905
<i>Os Dois Nêvés</i>	Opereta em um acto	Emília Rodrigues, Joana Pestana, J. Costa Pinto, Luiz Guilhermino, Adolfo Rodrigues.		05.03.1905; 07.03.1905
<i>Os Espectros</i>	Comédia em dois actos	Emília Rodrigues, J. Costa Pinto, Pedro Ferreira, Adolfo Rodrigues, J. Encarnação, Mário Alves...		07.03.1905
<i>O Cabola</i>	Entre-acto cómico (paródia à poesia a <i>Lagrima</i> )	J. Cordeiro, F. Neves Álvaro Lima		07.03.1905
<i>O 66</i>	Opereta em um acto	Emília Rodrigues, Joaquim Costa, Pinto, Luiz Guilhermino.	Música de Offenbach	01.01.1906
<i>Cada Doido</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, Joaquim Costa Pinto, Luiz Guilhermino.	Júlio Gaspar	25.02.1906
<i>Intrigas no Bairro</i>	Opereta em dois actos	Emília Rodrigues, Joana Pestana, Joaquim Costa Pinto, Fernando Marques Pinto, F. Guilherme, Manuel Daniel, Luiz Guilhermino,...	Original de Luiz de Araújo, Música de Monteiro D'Almeida	25.02.1906; 27.02.1906
<i>Um Ensaio de Hamlet</i>	Comédia em um acto	E. Poira, F. Marques Pinto, Francisco Neves, Eugénio Santos, Mário Alves		27.02.1906

### ANEXO III (cont.)

PEÇA	GÉNERO	ACTORES	AUTOR	DATAS DE REPRESENTAÇÃO
<i>Ah! Ricaprima</i>	Comédia em um acto			21.03.1906
<i>Interrogatório dum Sardo-Mudo</i>	Tragi-comédia			21.03.1906
<i>Os Dois Surdos</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, E. Poeira, F. Encarnação Júnior, Mário Alves, Miguel Gaspar		01.01.1907
<i>Paris em Lisboa</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, Luiz Dias, João da Encarnação Júnior, Joaquim da Costa Pinto.	Carlos de Moura Cabral	13.03.1907
<i>Os Médicos</i>	Comédia em três actos	Emília Rodrigues, Joaquim da Costa Pinto, João da Encarnação Júnior, Fernando M. Pinto, Francisco Neves, Adolfo Rodrigues, Luiz Guilhermino, Maurício Pinto, Evangelina Fernandes, Virgínia Nery.	Aristides Abranches	08.12.1907
<i>O Anjo da Paz</i>	Drama em dois actos	Joaquim Costa Pinto, Francisco da Silva Neves, Luiz Guilhermino, Emília Rodrigues, João da Encarnação Júnior, Evangelina Fernandes.	F. C. dos Santos	09.01.1908
<i>O Canto Celestial</i>	Opereta em um acto	Emília Rodrigues, F. Costa Pinto, Luiz Dias, João da Encarnação Júnior.		09.01.1908; 01.01.1914
<i>Tem graça... por não ter graça</i>	Revista em um acto	João Frazão, Manuel Daniel, Maurício Pinto, Eugénio Santos, Mário Alves, João Guilherme, Francisco Neves, Fernanda Marques Pinto.	<b>Maurício Pinto</b>	01.03.1908; 03.03.1908
<i>Dorma mas...</i>	Comédia em um acto	Eugénio Santos, Francisco Neves, F. Pinto, Maurício Pinto, J. Frazão.		03.03.1908



### ANEXO III (cont.)

PEÇA	GÊNERO	ACTORES	AUTOR	DATAS DE REPRESENTAÇÃO
<i>O Barão D'Artanhóles</i>	Opereta em três actos	Emília Rodrigues, D.º Ilda, Costa Pinto, A Cruz, Luiz Guilhermino, Manuel Daniel, Cesário Moreira, Viana, , Adrião, Godofredo, Coelho Oliveira, João Rodrigues, Alvaro Lima, Albano, Fadigas, Rolando.	<b>Original de A.º Pereira Correia, Música original e coordenada por M. el Dias Soares e Paulo Santos. Cenários de Eduardo Belo Ferraz, Regência de Manuel Soares</b>	01.01.1909; 10.01.1909
<i>Pr'as Eleições</i>	Comédia em um acto	J. Costa Pinto, Manuel Daniel, Adrião Martins.	<b>Maurício Pinto</b>	21.02.1909
<i>Valentes e Medrosos</i>	Comédia em um acto	Adrião Martins, José Clemente Santos, Eugénio Santos, Alfredo Ramalho, Manuel Daniel, Abílio Águas, Hilário.	Orquestra dirigida por Manuel Soares	21.02.1909
<i>Por Causa dos Tauros</i>	Comédia em um acto e três quadros	Adrião Martins, Eugénio Santos, Manuel Daniel, Abílio Parente.		23.02.1909
<i>Um Grupinho Enxarrado</i>	Comédia em um acto			23.02.1909
<i>Entre a Flauta e a Viola</i>	Comédia em um acto	Maurício Pinto, J. Costa Pinto, Mário Alves Adolfo Rodrigues, Evangelina.	Camilo Castelo Branco	01.12.1909; 08.12.1909; 01.01.1910
Mosquitos por Cordas	Comédia em três actos	Maurício Pinto, J. da Encarnação, Mário Alves, N. N., Evangelina e Libânea	Tradução de Eduardo Garrido.	01.12.1909; 08.12.1909
<i>O Avdador das Almas</i> (Paródia da ópera de Lúcia de Lammermoor)	Opereta em três actos	João da Encarnação Júnior, Carlos D. Cooke, Mário Alves, Joaquim Costa Pinto, João Frazão, N. N..	Paródia de Francisco Palha	06.02.1910; 08.02.1910

### ANEXO III (cont.)

PEÇA	GÉNERO	ACTORES	AUTOR	DATAS DE REPRESENTAÇÃO
<i>A Timidez de Cornélio Guerra</i>	Comédia em um acto	Emília Rodrigues, Adelina Pimentel, A Pereira Correia, João da Encarnação Júnior, Mário Alves.	Eduardo Garrido	01.01.1911
<i>A Máscara Verde</i>	Comédia em dois actos	Emília Rodrigues, Adelina Pimentel, Joaquim Costa Pinto, Francisco Neves, João da Encarnação Júnior, A Pereira Correia, Francisco Rebêlo, Elvino P. Neves	César Vasconcelos	01.01.1911
<i>A Marcha de Cadiz</i>	Opereta em dois actos	Laura Silva, António Viana, J. Costa Pinto, João da Encarnação Júnior, Carlos Cooke, M. Ferreira, Pereira, F. Neves, A Pereira Correia, Pedro S., Fernandes Tomaz, Raimundo E. Pereira Júnior, Mário Alves, Carlos Martins, Augusto Veiga Júnior, Hipólito, S. Júnior.		26.02.1911; 28.02.1911; 22.02.1914; 24.02.1914
<i>Um Amigo dos Diabos</i>	Comédia em três actos	Emília Rodrigues, Joaquim Costa Pinto, João da Encarnação, Raimundo Esteves, Mário Alves.		01.01.1912
<i>O Moleiro de Alcalá</i>	Opereta em quatro actos	Emília Rodrigues, Raquel Batista, Maria Martins, Joaquim Costa Pinto, João da Encarnação Júnior, Carlos Cooke, Francisco Neves, Albano Duque, Raimundo Esteves, Augusto Veiga, Mário Costa.		18.02.1912; 20.02.1912; 03.03.1912
<i>Santos &amp; C.º</i>	Comédia em dois actos	Emília Rodrigues, António Ferreira, Joaquim da Costa Pinto, João da Encarnação Júnior, Francisco da Silva Neves, Manuel Ferreira Pereira, Raimundo Esteves Pereira Júnior, Augusto Veiga.		01.01.1913

### ANEXO III (cont.)

PEÇA	GÉNERO	ACTORES	AUTOR	DATAS DE REPRESENTAÇÃO
<i>A Madrinhã de Carlos</i>	Comédia em dois actos	Emília Rodrigues, Libânea Maças, Joaquim Costa Pinto, João da Encarnação Júnior, Manuel Daniel, Raimundo Esteves Júnior, Ernesto Tomé.		01.01.1914
<i>Que Merinos</i>	Opereta em um acto			22.02.1914
<i>Bibi</i>	Opereta em um acto			22.02.1914
<i>Gran-Quinhole</i>		Luiz Guilhermino, Antunes, [?], Adriano Águas, Argel de Melo	<b>Original de Adriano Águas</b>	24.02.1914

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

# FONTES E BIBLIOGRAFIA

## A – Fontes Manuscritas

### 1. ARQUIVO HISTÓRICO DO GINÁSIO CLUB FIGUEIRENSE

“*BÍBLIA (A)*”, *Relato da vida do clube*, (anónimo), de 16 de Abril de 1894 a 1 de Janeiro de 1926. (328 pp.).

*Livro das quotas dos sócios*, 1895.

*Livro de Actas da Assembleia Geral*, 1915 – 1925.

*Livro de registo de sócios honorários e beneméritos*.

*Projecto dos estatutos*. Gymnasio Club Figueirnsen. Maio de 1905.

### 2. BIBLIOTECA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ – Sala Figueirense

*Estatutos e actas do Club Moderno*, Figueira da Foz, 1881

## B -Fontes Impressas

*Album Figueirense*, 1934 – 1938

*Boletim Vai D'Arrinca*, 1963 – 1995.

*Correio da Figueira*, 1893

*Estatutos da Associação Naval 1.º de Maio*, Figueira da Foz, Tip. Popular, 1917.

*Estatutos do Gymnasio - Club Figueirense*.

*Figueira Desportiva*, 1925-1927.

*Gazeta da Figueira*, 1894, 1896, 1899, 1905, 1910, 1914

*Guia Anunciador da Praia da Figueira*, Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1890.

*Gymnasio Club Figueirense*, nº único, comemorativo do seu cinquentenário, Figueira da Foz, 1945.

*Gymnasio-Club Figueirense. Gerência de 1896-1897. Relatório da Direcção e Parecer da*

*Comissão Revisora de Contas*. Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1897.  
*Voz (A) da Justiça*, 1917

## C - Obras de Consulta

- AGULHON, Maurice e BODIGUEL Maryvonne, *Les Associations au Village*, Actes dusud, Hubert Nyssen Ed., 1981.
- BAPTISTA, José Afonso, *A linguagem dos desportos*, Lisboa, Ed. do Ministério da Educação e Direcção Geral dos Desportos, 1993.
- BASTOS, Sousa, *Dicionário do teatro português*, Coimbra, Minerva (ed. fac-similada), 1994.
- BORGES, José Pedro de Aboim, *Figueira da Foz*, Lisboa, ed. Presença, 1991.
- CALADO, Rafael Salinas, *A Figueira ao dealbar do século XX (sic)*, Figueira da Foz, ed. da Câmara Municipal de Turismo, 1944.
- Catalogo do Ginásio Clube Figueirense, 1º centenário*, Figueira da Foz, 1995.
- Catalogo da Sociedade Arqueológica da Figueira, 1898-1910*, Figueira da Foz, 1999.
- CARDOSO, J. Sousa, *Ginásio Club Figueirense. Subsídios para a sua história (1895-1944)*, Figueira da Foz, 1944.
- CASCÃO, Rui, “As novas sociabilidades”, Coimbra, Faculdade de Letras, mimeog.
- CASCÃO, Rui, “Os Hábitos Culturais”, Coimbra, Faculdade de Letras, mimeog.
- CASCÃO, Rui, “As vicissitudes do comércio marítimo de um porto secundário: o caso da Figueira da Foz (1850-1920)”, *Revista Portuguesa de História*, t. XVIII, 1980, pp.133-196.
- CASCÃO, Rui, “O Teatro na Figueira da Foz (1860-1884)”, *Munda*, nº6, Coimbra, 1983, pp.61-71.
- CASCÃO, Rui, *Figueira da Foz e Buarcos (1861-1910) : Permanência e mudança em duas comunidades do litoral*, Figueira da Foz, Centro de estudos do mar e das navegações - Câmara Municipal da Figueira da Foz, Livraria Minerva, 1998.
- CORBIN, Alain, *L'avènement des loisirs, 1850-1960*, Paris, Aubier, 1995.
- CORBIN, Alain, “Os bastidores”, *História da Vida Privada*, Vol. 4, Porto, Ed. Afrontamento, 1990 (p.413-610).
- CORREIA, Romeu, *José Bento Pessoa. Biografia*, Lisboa, Ed. do Grupo desportivo e cultural dos empregados do Banco Nacional Ultramarino. 1974.
- CRESPO, Jorge, *A História do Corpo*, Lisboa, Difel, 1990.
- LOUREIRO, José Pinto, *O teatro em Coimbra, elementos para a sua História, 1526-1910*, Coimbra, Câmara Municipal, 1959.

NORBECK, Johan, *Associações populares para o desenvolvimento*, Lisboa, Ministério da Educação, Direcção Geral da Educação de Adultos, Pensar educação 12.

ORTIGÃO, Ramalho, *As praias de Portugal, guia do banhista e do viajante*, Porto, Livraria universal de Magalhães e Moniz - Editores, 1876, (p. 105-108).

REBELLO, Luiz Francisco, *História do teatro*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1991.

SENA, Jorge de, *Do teatro em Portugal*, Lisboa, Ed. Setenta, 1998.

SOUSA, Jorge Oliveira Teixeira de, *Contributo para o estudo do associativismo desportivo em Portugal*, Lisboa, ed. do ISEF, 1988.

VAQUINHAS, Irene Maria, “O conceito de «decadência fisiológica da raça» e o desenvolvimento do desporto em Portugal (Finais do Século XIX / Princípios do século XX)”, *Revista de História das Ideias*, vol. 14, Coimbra, 1992, p. 383.

## ÍNDICE

Prefácio .....	5
Introdução.....	9
1. A Figueira da Foz na segunda metade do século XIX .....	11
1.1. Enquadramento .....	11
1.2 O associativismo desportivo .....	14
2. Do Club Gimnástico Velocipédico ao Ginásio Club Figueirense .....	17
2.1 A Fundação .....	17
2.2 Sócios Fundadores e primeiros Corpos Gerentes.....	21
2.3 A nova sede: O Teatro Príncipe D. Carlos .....	26
2.4 Os estatutos .....	30
3. As actividades do Clube (1895-1914) .....	32
1.1 As secções desportivas.....	32
1.2 As secções culturais .....	43
Conclusões.....	50
Anexos .....	53
Fontes e bibliografia .....	67



## COLEÇÃO “ CADERNOS MUNICIPAIS “

Volumes publicados:

- 1 - A Figueira da Foz num romance de João Gaspar Simões, Luís Cajão (esgotado)
- 2 - Subsídios para a História de Buarcos, Fernando Pedrosa (esgotado)
- 3 - Elevação do Conselho da Figueira da Foz a urbana de 1º ordem-Documentação 1962-1980 (esgotado)
- 4 - Amigos Meus: contos, Francisco Maria de Carvalho (esgotado)
- 5 - Lembrança de Afonso Duarte, J. Pires Lopes de Azevedo (esgotado)
- 6 - Centenário do Nascimento de João de Barros – 4 de Fevereiro de 1981, coordenação de M. Barroso dos Santos (esgotado)
- 7 - Esperanças: poemas, Aníbal José de Matos (esgotado)
- 8 - Viagem na nossa terra (da folha de uma figueira à folha de uma videira ), José da Silva Ribeiro (esgotado)
- 9 - Figueira da minha infância, António dos Santos e Silva (esgotado)
- 10 - O complexo industrial do Cabo Mondego, sua origem e evolução através dos tempos, M. J. Moreira dos Santos (esgotado)
- 11 - Imóveis classificados do conselho da Figueira da Foz, Isabel Pereira (esgotado)
- 12 - A Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás–Alguns aspectos, M. Barroso dos Santos
- 13 - Antologia de Circunstâncias: Poemas, João Maria Sant’Iago Prezado
- 14 - Contos Premiados, 1983, I Prémio Joaquim Namorado
- 15 - Maurício Pinto, coordenação de Marcos Viana
- 16 - Contos Premiados, 1984, II Prémio Joaquim Namorado
- 17 - Museu Municipal: Notícia Histórica, Isabel Pereira (esgotado)
- 18 - Contos Premiados, 1985, III Prémio Joaquim Namorado
- 19 - Evocação da vida e obra do Prof. Doutor Luís Wittnich Carriso, Abílio Fernandes
- 20 - Contos Premiados, 1986, IV Prémio Joaquim Namorado
- 21 - Marinha das Ondas na História e na Lenda, Manuel da Costa Cintrão
- 22 - Contos Premiados, 1987, V Prémio Joaquim Namorado
- 23 - Poemas de fim do dia, António dos Santos Silva
- 24 - Memórias das coisas, António Augusto Menano
- 25 - Contos Premiados, 1988-1989, VI e VII Prémios Joaquim Namorado
- 26 - Contos Premiados, 1990-1991, VIII e IX Prémios Joaquim Namorado
- 27 - Brenha, história e tradições, Alfredo Esteves Oliveira Cardoso (esgotado)
- 28 - Contos Premiados, 1992, X Prémio Joaquim Namorado
- 29 - Manuel Rocha. Vida e Obra
- 30 - Coração em Hardware: Contos e palestras, António dos Santos e Silva
- 31 - Contos Premiados, 1993, 1994, 1995, XI, XII e XIII Prémios Joaquim Namorado
- 32 - Contos Premiados, 1996, XIV Prémio Joaquim Namorado
- 33 - Gândara Antiga, Idalécio Cação (esgotado)
- 34 - Arco da Memória, António Augusto Menano
- 35 - Figueira da minha infância ( 2ª edição ), António dos Santos e Silva
- 36 - Convento de Seiça: Memórias, Eurico Silva (esgotado)
- 37 - A Voz do Coração, Odete Dias
- 38 - Baldaque da Silva: Um olhar completo, Primeiro-Tenente Jorge Manuel Moreira Silva
- 39 - A Figueira e o Teatro, Luís Cajão
- 40 - 75 Anos da Freguesia do Alqueidão, José Coelho Jordão